



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**NARRATIVAS DE MIM: fatos, memórias e reinvenções**

**MEMORIAL ACADÊMICO**

*Descritivo*

**Lúcia Maria Vaz Peres**

**Promoção: Professor Titular**

Matrícula no SIAPE: 420947

Pelotas/RS, maio de 2016

Dedico a escrita deste memorial, *in memoriam*, à minha mãe... Mulher guerreira que, sabiamente, muito me ajudou a ser o que me tornei. Ela se realizou em mim! Também, a uma outra mãe de coração, que acolheu minha escrita e fez o papel daquela que não está mais aqui, Leonina Fortes de Oliveira.

Por fim, e não menos importante, dedico às mulheres e aos homens que me ajudaram a chegar até este momento e aos amados orientandos atuais e aos que passaram. Sem vocês minha trajetória seria menos colorida.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
PARTE I.....	8
NARRATIVAS DOS MEUS COMEÇOS.....	8
1. As intimações do mundo em mim .....	9
2. Narrativas da minha escolaridade... de Bagé a Pelotas .....	14
3. Entrada na universidade... rituais da formação inicial e continuada .....	16
PARTE II .....	21
NARRATIVA DO MEU TRAJETO DE FORMAÇÃO NA DOCÊNCIA .....	21
1. Maio de 1989 – ingresso na Faculdade de Educação/UFPeL.....	22
2. Do mestrado ao Pós-doutorado – uma saga feliz!.....	24
3. A experiência como Professora e pesquisadora e orientadora... no decurso de 26 anos 30	
3.1. Minhas produções... nunca fui excelência, mas sempre dei o melhor de mim .....	36
PARTE III .....	62
NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA QUE SE TORNOU GESTORA .....	62
1. Como coordenadora do Colegiado do Curso de Pedagogia.....	63
2. Como coordenadora adjunta da Pós-graduação e como <i>pró-tempore</i> .....	65
3. Como Diretora da FaE.....	65
PARTE IV .....	71
O QUE APRENDI COMO PESSOA E PROFISSIONAL .....	71
1. Escrevo sobre como penso que me tornei, a partir das ressonâncias das pessoas que compuseram esta trajetória.....	72
2. Palavras inconclusivas .....	79
Referências.....	82

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Desenho: Intimações e reinvenções (Fonte: Lislaine Cansi) .....	p. 7
Figura 2 – Desenho: Rituais de formação .....	p. 19
Figura 3 – Foto com as crianças da escolinha (1990).....	p. 22
Figura 4 – Meu primeiro livro .....	p. 24
Figura 5 – Imagens da minha tese de doutorado .....	p. 26
Figura 6 – Desenho: Rotas de uma saga feliz (Fonte: Lislaine Cansi).....	p. 59
Figura 7 – Desenho: Feitos bem-feitos (Fonte: Lislaine Cansi) .....	p. 68

Sou uma céptica que crê em tudo, uma desiludida cheia de ilusões, uma revoltada que aceita, sorridente, todo o mal da vida, uma diferente a transbordar de ternura. Grave e metódica até a mania, atenta, a todas as sutilezas dum raciocínio claro e lúcido, não deixo, no entanto, de ser uma espécie de Dom Quixote fêmea a combater moinhos de vento, quimérica e fantástica, sempre enganada e sempre a pedir novas mentiras à vida, num dom de mim própria que não acaba, que não desfalece, que não cansa.

Florbela Espanca (27/07/1930)

Há no céu tantos sonhos que a poesia, embaraçada pelas velhas palavras, não conseguiu nomear! A quantos escritores da noite gostaríamos de dizer: 'Regresse ao princípio do devaneio; o céu estrelado nos é dado não para conhecer, mas para sonhar' É um convite aos sonhos constelantes, à construção fácil e efêmera das mil figuras dos nossos desejos; as estrelas 'fixas' têm por missão fixar sonhos, comunicar sonhos, reencontrar.

Gaston Bachelard, 1990

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

Clarice Lispector

## INTRODUÇÃO

Este memorial tem como objetivo apresentar a minha trajetória de 26 anos, nesta Universidade, como requisito para minha progressão para Professora Titular, na Faculdade de Educação, no Departamento de Fundamentos da Educação.

A escrita de uma narrativa pode ser vista como uma alegoria do risco de um bordado, ainda a ser feito. E, quando feito, o verso e o reverso deste bordado nos mostram desenhos ou paisagens diferentes... Escolhi para este desenho um traçado que revelasse a Lúcia poética e amante dos devaneios como fermentadora da Lúcia obreira que desde o lugar da “menina vitrine” tornou-se a profissional “transgressora academicamente”. Isso porque, quase sempre, se fez acompanhar por teóricos que não eram hegemônicos ao campo e aos estudos da educação.

Fiz escolhas de como e o que narrar e através delas tracei um modo para mostrar os desenhos que foram bordados em mim, desde o ponto de vista das minhas significações. Significações que fizeram de mim uma mulher e uma profissional grave e intensa, sempre em busca do melhor ponto de vista para chegar à verdade. Nem sempre acertei e, por isso, melhor me tornei na exata medida em que fui aprendendo com meus erros.

O que lhes apresento são narrativas de mim, divididas em quatro partes. Na parte I - NARRATIVA DOS MEUS COMEÇOS, tratei de mostrar a minha gênese neste mundo e as intimações que foram me constituindo até meu ingresso na Universidade. Na parte II - NARRATIVA DO MEU TRAJETO DE FORMAÇÃO NA DOCÊNCIA, narro meu ingresso como servidora pública na UFPel, lotada na Faculdade de Educação e como fui me constituindo nestes 26 anos como professora, pesquisadora e extensionista. Na parte III - NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA QUE SE TORNOU GESTORA, trato de narrar os diferentes lugares que ocupei na condição de gestora nessa unidade. E, finalmente, na parte IV - O QUE APRENDI COMO PESSOA E PROFISSIONAL, tento fazer uma reflexão a partir do que vivi e sobre como me percebo neste percurso, auxiliada por pessoas e profissionais que me acompanharam, num longo período, ao longo desta jornada.

Agora convido o leitor a olhar para este traçado, lembrando que todo bordado é sempre resultante da escolha de um traço que desenhamos a partir de uma escolha para compor a obra que desejamos mostrar. Assim construí esta narrativa permeada de alegrias, saudades e redescobertas de mim.

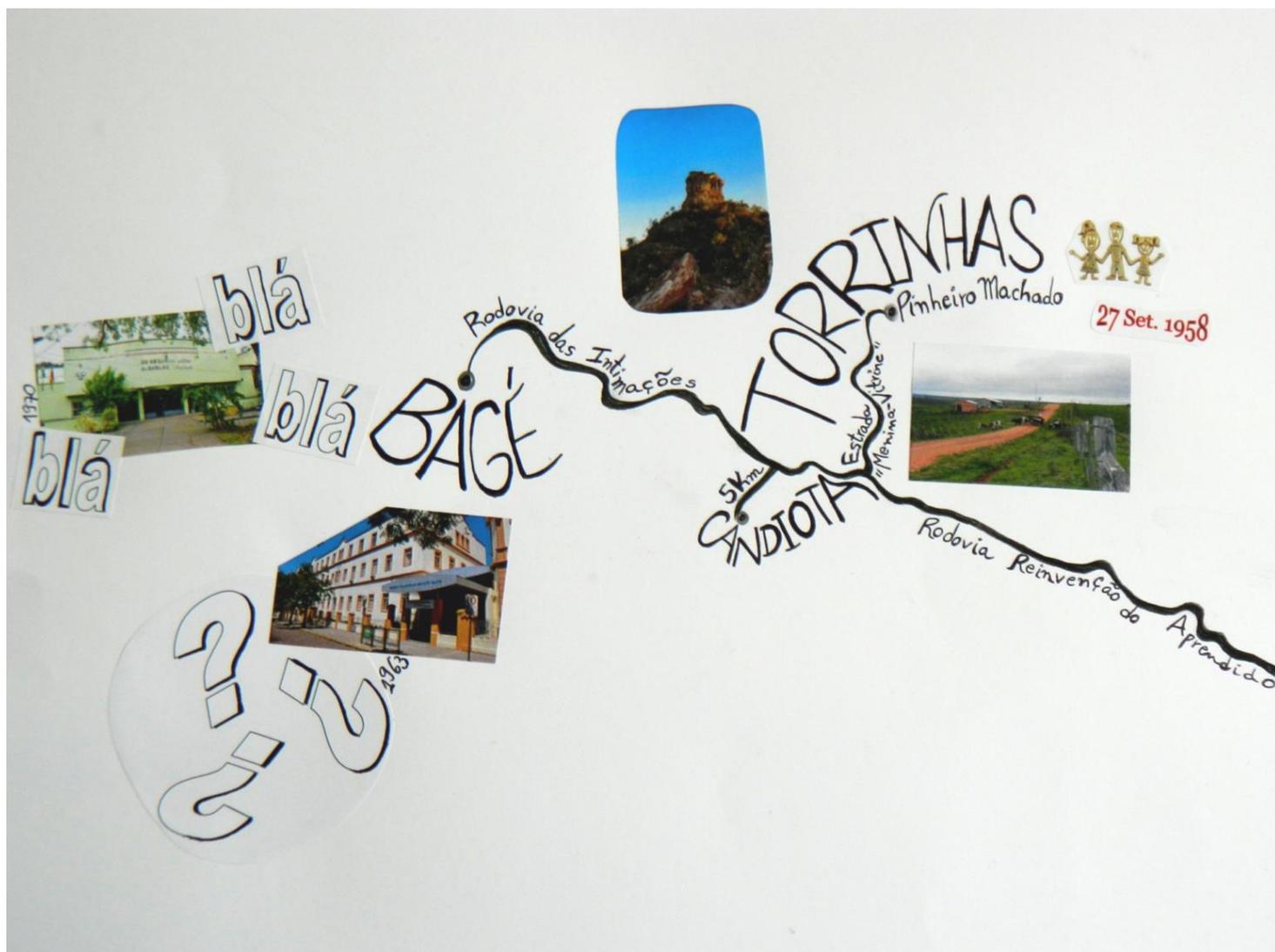


FIG. 1 – Desenho: Intimações e reinvenções (Fragmento), de Lislaine Cansi.  
Fonte: Lislaine Cansi.

## PARTE I

### NARRATIVAS DOS MEUS COMEÇOS

## 1. As intimações do mundo em mim

A inscrição da minha infância, como filha única, me divisou entre o convívio com adultos e suas falas e meu brincar “cuidado” por minha mãe para que não me sujasse e, nem tampouco, me machucasse. Era um “cuidado” que me impedia de ir além do estipulado por outrem. Estava sempre arrumada; hoje, digo “empacotada para presente”. Geralmente, não gostava deste lugar – de uma menina-vitrine – para ser admirada.

Filha de Maria Izabel Vaz Peres e Nei Peres, cheguei ao mundo pelas mãos de um médico, médico/parente da família (Tio José), em Torrinhos (2º distrito de Pinheiro Machado), no dia 27 de setembro de 1958. Contadores da história sobre meu nascimento dizem que devido à grande dificuldade para nascer (teria começado no dia 25 de setembro e logo minha mãe teria tido paradas cardíacas), eu poderia ser uma criança com várias etiologias patológicas. Minha mãe relatava que tio José (o médico) exigiu que festejassem meu 1º ano de vida, visto que a hipótese não se configurou. Afinal, eu caminhava e falava e meu desenvolvimento estava de acordo. Bem mais tarde, já quando vim a trabalhar com crianças surdas e deficientes mentais, na Escola Especial Alfredo Dub (Pelotas –RS), tio José, que morava nos Estados Unidos, mandou-me uma linda carta da qual lembro a seguinte frase: “Lucinha, tu tinhas tudo para ser uma dessas crianças, mas por força de outras forças, foste destinada a trabalhar com eles”<sup>1</sup>. Desde que tomei consciência desse fato em mim, fui me deixando sentir, muito mais do que buscando compreender que invisibilidades nos afetam... E que, sim, forças que desconhecemos nos movem. Então, desde muito cedo, lembro de buscar na fé e na transcendência o grande motor para minha existência.

Filha única, de uma mãe muito forte (e cuidadora) e de um pai frágil, quase permissivo, fui crescendo e construindo minhas representações e meu imaginário sobre o mundo e as pessoas. De pronto, diria: de minha mãe herdei a força e a paixão por gente; do meu pai, a obstinação pelo trabalho, quase como um vício. Tenho muito dos dois, embora muitas vezes os tenha exonerado na terapia e brigado internamente com isso. Hoje, no alto dos meus 57 anos, só posso dizer: *Gracias a la vida que me há dado tanto* e aos meus pais que fizeram todo esforço para que eu estudasse e aqui chegasse... Se minha mãe estivesse

---

<sup>1</sup> Minha mãe que guardava tudo, tinha essa carta em algum das suas caixas. Ainda deve estar lá, nas dezenas de caixas de memórias guardadas... Mas por incrível que pareça, desde seu falecimento (2008), nunca ousei mexer nos seus guardados. Não sei por quê? Talvez eu possa explicar assim: o pai nunca me abriu esta possibilidade. Mas acho mesmo que ainda não chegou o meu momento. Incrível isso... Justo eu que trabalho sobre a reconstrução da nossa trajetória como elemento de formação e propulsão de novas buscas...

entre nós e pudesse falar, diria: “tenho um filha pós-doutora, que se tornou diretora da Faculdade onde trabalha”, manifestando esse grande orgulho e felicidade quando foi na defesa da minha tese de doutorado.

Ao longo desse trajeto de 57 anos, tenho aprendido que o fundamental para a formação é nos apropriarmos do lugar que ocupamos neste mundo e, sempre, refletindo sobre o que fazemos nesses lugares. Em outras palavras, é fundamental refletir, constantemente, sobre o nosso ser no mundo. Desde minha adolescência, venho optando pelo olhar atento sobre o que e por que faço o que faço, com o intuito de discernir e sentir o que é essencial para meu crescimento como pessoa e também como profissional, no convívio com os que me cercam. O fato é: todo o ser humano precisa estar atento e consciente do seu processo de busca e transformação em direção à construção do projeto e da obra.

O Ser de atenção consciente é a segunda dimensão indispensável a nosso ser-no mundo enquanto ser em transformação. Sem essa dimensão, nenhum desenvolvimento é possível, nenhuma percepção de si é possível e, portanto, nenhuma possibilidade de construção de um conhecimento de si. A qualidade dessa atenção consciente resulta de uma escolha, de um trabalho, de uma vontade perseverante, de uma disciplina. (JOSSO, prelo, p. 13)

Cabe lembrar que, neste processo de busca e transformação, somos afetados por uma dimensão maior. Como microcosmo dentro do universo, somos integrantes de um infinito macrocosmo e, portanto, afetados por essas dimensões cosmológicas. Importa lembrar que o que está em cima está em nós e ao nosso redor. Sabemos que a explicação para isso não é passível de decifração, embora não seja este o foco deste memorial. Trago este aspecto para ressaltar o que venho defendendo como sendo, também, uma intimação do mundo em mim, bem como destacar a crença de que estamos todos imersos num universo com suas complexidades; num mundo de reconstruções caóticas, cuja ordem pressupõe a **des**-ordem. E o reflexo disso tudo acontece no microcosmo de nossas subjetividades, nas relações, e nos "novos/velhos" jeitos de ser, pensar, que acabam criando e revisando paradigmas científicos, muitas vezes, "a cabresto" de revoluções sociais: objetos acessados pela vida de hoje, diferentemente de ontem, dos nossos pais e avós. Embora, de algum modo, sejamos uma repetição melhorada, como bem revela a música de Elis Regina...

*Minha dor é perceber  
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos  
Ainda somos os mesmos e vivemos  
Ainda somos os mesmos e vivemos  
Como os nossos pais...*

*Nossos ídolos ainda são os mesmos  
E as aparências não enganam não  
Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém  
Você pode até dizer que eu tô por fora  
Ou então que eu tô inventando...*

*Mas é você que ama o passado e que não vê  
É você que ama o passado e que não vê  
Que o novo sempre vem...*

E o novo sempre vem! Somos sempre uma reinvenção do aprendido e, no momento em que narramos o fato biográfico, passamos a ficcioná-lo. Segundo Delory-Momberger (2008), jamais atingimos diretamente o vivido, uma vez que ele é mediado pela história que narramos. Portanto, o fato biográfico não deixa de ser um ponto de vista que escolhemos para dizer-nos ou também pode ser um ponto de vista que nos afeta e nos inscreve na história que vimos traçando.

Após 26 anos de trabalho nesta unidade de Ensino, somados às minhas recordações-referência (JOSSO, 2004), como pessoa, neste “mundo de vida”, a imagem que me descreveria, literariamente, não seria uma só... No entanto, me identifiquei, sobremaneira, com uma figura literária da poetisa portuguesa Florbela Espanca (que está como epígrafe) quando, em uma das suas cartas, escreve<sup>2</sup>:

“Sou uma céptica que crê em tudo, uma desiludida cheia de ilusões, uma revoltada que aceita, sorridente, todo o mal da vida, uma diferente a transbordar de ternura. Grave e metódica até a mania, atenta, a todas as sutilezas dum raciocínio claro e lúcido, não deixo, no entanto, de ser uma espécie de Dom Quixote fêmea a combater moinhos de vento, quimérica e fantástica, sempre enganada e sempre a pedir novas mentiras à vida, num dom de mim própria que não acaba, que não desfalece, que não cansa. O meu mundo não é como o dos outros, quero demais, exijo demais, há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem mesmo compreendo, pois estou longe de ser uma pessimista; sou antes uma exaltada,

---

<sup>2</sup> Este fragmento me foi “dado de presente” por uma parceira acadêmica, amiga e comadre. Ele refere-se a uma das tantas cartas escritas por Florbela Espanca, sendo esta endereçada ao seu amigo, Dr. Guido Battelli, em 1930. Esse presente fez-me buscar conhecer um pouco da obra da autora que ao mesmo tempo me impactou e me acolheu.

com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que se não sente bem onde está, que tem saudades... sei lá de quê!" (27/07/1930)

Então, neste momento de mudança de ciclo – ritual de passagem para prof.<sup>a</sup> titular –, tomo como minha essa imagem da “Dom Quixote fêmea” e agradeço pelo olhar atento da colega (conf. nota nº 2), pois ela diz muito do que penso que sou.

A escrita deste memorial está sendo a objetivação do que venho estudando e orientando no meu grupo de pesquisa (GEPIEM)<sup>3</sup>. Só que agora sou eu a protagonista!

Sempre defendi, a partir de autoras como Marie-Christine Josso (minha grande mestra) e Christine Delory-Momberger, que a narrativa (auto) biográfica de formação traz consigo uma hermenêutica da “história de vida”, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo. A compreensão desenvolvida, a partir da inteligibilidade de sua própria vida, revela ao pesquisador a capacidade epistemológica de aderir a sentidos que não eram os seus e reconstruir relações significantes particulares ao seu objeto de estudo. Grande legado do historiador e filósofo alemão Wilhelm Dilthey, em cuja base teórica valorizou a autobiografia.

Seguindo os sentidos das intimações do mundo em mim, quero ainda dizer um pouco mais...

Fui educada para ter uma profissão e um bom casamento, de preferência com os latifundiários de Bagé. Mas não deu certo... Com 18 anos (1977), me mudei para a cidade de Pelotas, para realizar o sonho de ser psicóloga. Professora, nem pensar, mesmo que tivesse feito o magistério e na família haver muitas (mulheres) professoras. Mas, justo o que me acontece é que o meu sustento, na Princesa do Sul, fora exatamente o magistério. Trabalhava durante o dia e estudava à noite, na Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Logo, no 3º ano da faculdade de Psicologia, fiz reopção para Pedagogia Orientação Educacional, em função da incompatibilidade dos horários do curso, com uma aluna trabalhadora. Nesta época (1980), me envolvo com a militância estudantil e conheço os colegas do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com quem começo uma grande troca e aprendizado: Alvaro Hypolito, Rita Medeiros e Rita Melânia Webler. Começa, assim, uma fundamental virada na minha vida (sobre isso, dissertarei em capítulo específico). Mas, o que importa dizer é que fiz muitas heresias que foram de encontro ao instituído

---

3 Grupo de estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória, sediado na base de dados dos grupos de pesquisa na Plataforma do CNPq.

*modus operandi* bageense e familiar: não me casei com latifundiário, me tornei PT de carteirinha e bandeira na mão, fui igrejeira e depois anti-igreja. Diante disso, contrariei o esperado pela família: não me casei na igreja, mas fora dela, com um artista plástico; não professei as ideias políticas da família (oriundos da antiga Arena), e saí da igreja para me tornar espírita. Nas palavras do meu avô materno: “tão inteligente e boazinha, mas tão contrária a tudo que nossa família gosta”.

Assim, fui me fazendo na contramão das coisas instituídas... talvez na busca de uma singularidade rumo à individuação preconizada por Jung.

Bem mais tarde, já casada (mesmo que não institucionalmente), em 1995, me tornei mãe de coração por desejo e opção, de uma linda menina que hoje tem seus 21 anos. Desde que nasceu, a linda menina desconstruiu minhas expectativas, me ensinando a cada novo dia. Foi instituindo outros modos para eu ser e ver o mundo... Ela, sem dúvida, foi o presente que a vida me deu para que eu me tornasse melhor como pessoa. E, ainda hoje... Nada muito fácil e nem muito confortador, pois, como eu - na sua idade - gosta de tudo ao contrário do que eu gosto e valorizo. O que nos mantém unidas é o amor e a fidelidade de, mesmo na diferença, ir aprendendo a trilhar caminhos paralelos e, por vezes, olhar na mesma direção. E, assim, continuam as intimações do mundo em mim...

Mas uma coisa é certa: viver só o que chamamos de real, não me move. Eu vivo um “tantão” de imaginação e de sonho, como forma de reinventar-me e driblar os efeitos dos avessos que me afetam. Por isso, ainda idealizo e ainda sonho...

O que são os sonhos?  
 Pedacos de vida por viver?  
 Vidas vividas se fazendo encantadas?  
 Outros se fazendo viver em nós?  
 Sonhos são sonhos.  
 Momentos que buscam passar pelas brumas espessas da realidade e nos tocar.  
 Sacudir, às vezes.

Ou ainda, como aprendi na teoria durandiana: sonhar e imaginar são formas para eufemizar as dores e driblar as faces do tempo.

Romper com a mesmice da lógica - sempre  
 a nos dizer que existe mais energia do que a que vivemos,  
 mais sons do que os que escutamos,  
 mais de nós em nós mesmos.  
 Para nos levar mais além,  
 por paisagens que não param de mudar,  
 e que muitas vezes nos deixam desesperados por saber -  
 onde, mas onde mesmo é isto? (Autoria própria)

## 2. Narrativas da minha escolaridade... de Bagé a Pelotas

Aos cinco anos entrei na escola – Colégio Espírito Santo (Bagé) – para cursar a 1ª série, na condição de aluna encostada (em meados de maio, 1963...), visto não ter idade para matrícula regular. Contava minha mãe que eu gostava de brincar com os cadernos de uma tia que cursava o curso normal, a qual estava estagiando numa turma, também de 1ª série. Brincando, eu a acompanhava nos exercícios que fazia para seus alunos. Diziam que eu era muito perguntadora e, desde esta época, eu ensinava as bonecas (brinquedo preferido da filha única). Num determinado dia, ela percebeu que eu reconhecia as letras e começava a juntá-las, formando palavras. Foi assim que adentrei no mundo das letras: “brincando de faz de conta”. Surgiu, então, a ideia de me colocarem no Colégio Espírito Santo (lugar onde minha tia cursava o normal e fazia seu estágio). Após conversa com a diretora e a professora alfabetizadora, irmã Carmem (supervisora de minha tia e minha futura professora), e aplicação de um teste para ver se eu realmente teria condições de ingressar, fui aceita! Lembro bem da minha felicidade no primeiro dia da escola. Com o uniforme de cor azul marinho - saia de pregas - e blusa branca com gravata, também azul marinho... Entrei toda feliz naquele enorme prédio com corredores encerados e tudo muito grande. Em minhas memórias, habitam as seguintes imagens do início da minha escolaridade: uma menina muito cuidada, com seu uniforme impecável, acompanhada de uma merendeira cor de rosa e branco, onde levava seu lanche. Minha felicidade era imensa! Cursei até o final do ano e fui aprovada, após mais um tempo de reforço.

Da 2ª até a 4ª série, estudei na Zona Rural, em função da mudança do trabalho do meu pai. Ele foi trabalhar na Usina Termelétrica Presidente Médici, de Candiota, onde ficou até se aposentar.

Meu trajeto escolar, nesse período, foi tranquilo e sem muitas marcas (ou as apaguei?), a não ser a caminhada até a escola. Para ir e retornar, caminhava em torno de cinco quilômetros por dia, acompanhada de mais dois vizinhos, que encontrava num determinado ponto do campo. Lembro que gostava muito, exceto no inverno.

Retorno para Bagé, somente com minha mãe, para fazer a chamada de Admissão ao Ginásio<sup>4</sup> (hoje, seria equivalente à 5ª série). Tenho algumas lembranças tristes desse período. Muitas transformações financeiras na vida da minha família... Perdas e ganhos

---

<sup>4</sup> Exame de admissão ao ginásio, instituído em 1931 perdurou até o ano de 1971, era o ritual de passagem para ter acesso ao curso ginasial.

diferentes. Não fosse a força de minha mãe, talvez muitas coisas tivessem sido piores. Isso foi o que ficou em mim.... Fui aprovada na Escola Estadual Dr. Carlos Kluwe, em 1970. Foi um período intenso de aprendizagens e indisciplinas. Sempre muita ativa e conversadora em aula, vivia no SOE (Serviço de Orientação Educacional). Além disso, seguidamente estava envolvida no grupo dos bagunceiros (eu era a única menina), onde desafiávamos os professores. Lembro de uma situação marcante desse período. Tínhamos um grande educador, o professor de Geografia, chamado Eduardo Contreiras (um verdadeiro ícone bageense na educação!), que mais parecia um cientista do tipo erudito. A imagem que guardo dele é assim: homem alto, de barba grisalha, óculos grandes, caminhava lentamente com guarda-pó branco e mapa *mundi* embaixo de um braço, com uma pasta preta na outra mão. Fumava um cachimbo cheiroso. Assim, ele se deslocava entre uma sala de aula e outra da escola. Tratava seus alunos por senhores e senhoritas e com pouca conversa (quase nada a não ser sobre Geografia). Na 8ª série, ele ministrava a 3ª aula - logo após o recreio -, e tivemos uma ideia de colocar milho em cima da mesa dele, para ver o que ele faria. Sairia ele daquele lugar formal de nos tratar? Eis que ele entra na aula e, ao contrário dos demais professores, que frente a qualquer “indisciplina” nos mandariam ao SOE, diz: “bom dia, senhoritas; bom dia, senhores; pensei que já haviam concluído a merenda. Esperarei, na frente da aula, para que o façam e logo me chamem”. Saiu da aula tranquilo como chegou. Nós levamos um susto pedagógico que jamais esqueci. Logo corremos para tudo arrumar. Ele retornou e disse: “bom dia, senhoritas; bom dia, senhores, espero que tenham feito uma boa merenda. Bom proveito!” Colocou o mapa *mundi* no quadro e iniciou sua aula como se nada houvesse acontecido. Para mim, esse ato foi emblemático demais, na minha vida, e mais tarde o entendi, estudando a Teoria do Comportamento via reforços positivos e negativos, de Burrhus Frederic Skinner. E funcionou!

Desta escola, saí somente em 1976, direto para cursar o último ano do Ginásio, na cidade de Pelotas. Com 18 anos, vim morar na Princesa do Sul - Pelotas -, para estudar e trabalhar<sup>5</sup>. Após cursar o 3º ano, no Colégio Diocesano, prestei vestibular para Psicologia e entrei em último lugar, em 1978.

---

<sup>5</sup> Meus pais não tinham como manter meu ingresso na Universidade particular e me ajudar na sobrevivência cotidiana. Comecei a trabalhar na Escola Especial Alfredo Dub com crianças surdas e no Castelinho do Saber em outro turno. Trabalhei durante toda a minha faculdade.

### **3. Entrada na universidade... rituais da formação inicial e continuada**

Há 39 anos, chegava à cidade de Pelotas em busca do novo... Nascida no interior de Pinheiro Machado – Torrinhãs, e crescida em Bagé, trazia em minha bagagem muitas expectativas. Naquela época, 1977, com 19 anos, o grande sonho era adquirir minha independência através do trabalho, bem como ser uma boa psicóloga.

De 1979 a 1982, faço minha formação inicial. Ingresso, em 1979, no curso noturno de Psicologia, na Universidade Católica de Pelotas. A menina, de poucos recursos, ascendia socialmente, ao entrar na Universidade. Começa nova etapa em minha vida! Convívio universitário com colegas dos cursos noturnos, após uma jornada de 8 horas de trabalho. Muitas leituras e novidades: um grande horizonte se abria à minha frente. Para estudar, fui obrigada a empreender uma disciplina rigorosa. Quase todos os dias, acordava em torno das cinco horas da manhã. Cevava um mate, rumando aos textos da aula anterior para, aos poucos, ir sistematizando minhas aprendizagens. Estudava em torno de duas horas e logo me arrumava para ir ao trabalho, retornando somente às 18 horas, para retomar minhas aulas na faculdade, às 19 horas. Era corrido, mas eu estava feliz!

Este trajeto durou quatro longos anos. No 3º ano do Curso de Psicologia, fiz reopção para o Curso de Pedagogia – especialização Orientação Educacional, em função da incompatibilidade de horários do meu trabalho (em duas escolas – como disse no capítulo das intimações em mim) com o currículo do curso de Psicologia.

No decurso dessa formação, tive muitos embates com o que estudava. Na Psicologia, não aceitava que o ponto de vista predominante fosse o da Psicanálise freudiana; questionava o fato de não estudarmos autores como Carl Gustav Jung, por exemplo. Na Pedagogia, incomodava-me o fato da naturalização sobre algumas coisas do ensinar e aprender e, sobretudo, da frouxidão da teoria em relação à nossa formação. Aprendi, na contramão das aulas, que a Educação nunca é neutra. Ao contrário, é sempre um ato político, como bem ensinou Paulo Freire. Foi neste momento que me insurgi e, junto com algumas colegas, formamos um grupo de estudos, aos sábados, dando início ao 1º diretório acadêmico (D. A.) do curso, desencadeando aproximações com o grupo de estudantes do diretório acadêmico da Pedagogia da UFPel. Um divisor de águas na minha formação foi a interação com as atividades do curso desenvolvido na UFPel e, também, ao conhecer os colegas Alvaro Hypólito, Rita Medeiros e Rita Melânia Webler, que estavam à frente daquele D. A. Foi assim que começamos a

organizar uma agenda política, buscando angariar fundos para irmos no 1º encontro sobre as políticas dos diretórios acadêmicos na Educação, que seria realizado na Bahia. Juntos fazíamos rifas, carreteiros, livro ouro etc. E, ao final, um de nós iria. Para nos representar, o Alvaro foi o escolhido.

A partir daí, nossos contatos estavam mais ligados às ações políticas, onde nós, da Universidade Católica (os integrantes do D. A.) nos integrávamos aos debates e palestras de vanguarda para a época, proporcionados pela Faculdade de Educação. Havia debates sobre Educação Popular e Filosofia da Libertação. Lembro claramente da presença de Moacir Gadotti, que discutiu o papel político e transformador da Educação. Penso que a partir desses acontecimentos começara a fazer uma formação paralela, pois esse tipo de discussão e versão formadora, definitivamente, nós não tínhamos na nossa universidade. Isso era possível, com o professor Mattei, grande professor de Filosofia, que nos apresentou Paulo Freire, através do livro *Pedagogia do Oprimido*. Foi a leitura mais problematizadora que fiz, ao longo do meu curso. Também, não poderia deixar de trazer, dos meus guardados da memória, o nome da professora Alda Klug: grande incentivadora! Posteriormente, após minha formatura, ela indicou-me para trabalhar na SMED (Secretaria Municipal de Educação de Pelotas), como supervisora de classes especiais.

Assim foi meu trajeto até Pelotas. Mesmo sendo o meu curso um tanto alienado das causas sociais e políticas emergentes da época, considero que fiz uma boa formação. Sobretudo, em função das interações e buscas que fui fazendo.

No ano de 1983, concluo minha graduação e sou eleita para ser a oradora da turma. Momento de sentimentos mesclados entre euforia, gratidão e muita emoção – a menina que veio do interior concluiu sua graduação! Naquela época, isso era pouco comum.

Meu discurso versou sobre questões voltadas à formação política do Pedagogo, sendo causa de visíveis descontentamentos dos integrantes da mesa.

Logo, no ano seguinte, fui chamada para trabalhar na SMED (Pelotas) e, a seguir, no colégio São José. Neste período (1984/1986), ingresso no curso de especialização promovido pela Faculdade de Educação/UFPel, de Psicopedagogia escolar. Finalmente, me torno aluna regular de uma instituição que namorava de longe. Tinha grande fascínio pelas discussões ali travadas, bem como uma grande admiração por alguns professores.

Entre 1983 e 1984, fui aprovada para cursar a pós-graduação *stricto sensu*, na FaE/UFPel. O namoro que antes era de longe, agora se efetivava na minha primeira

formação continuada<sup>6</sup>. Os professores que de longe me encantavam, agora ministravam aulas para nossa turma que cursava Psicopedagogia. Dentre eles, cito uma professora que tatuou minhas emoções e que mais tarde se tornou minha grande amiga: Carmem Anselmi Duarte da Silva! Ela foi um exemplo de profissional e de vida, até na hora da sua partida... Além dela, outras grandes referências. Cito as professoras: Maria Isabel da Cunha, Circe Cunha e os professores: Jandir Zanotteli e Osmar Shaefer. Estes foram os precursores do início da minha formação continuada, na unidade onde trabalho há 26 anos.

Meu trabalho de conclusão foi orientado pelo prof. Osmar Shaefer e intitulou-se: “Ressignificando as classes especiais em classes de apoio no município de Pelotas: uma experiência refletida”. Ele estava ancorado na minha recente prática como supervisora das classes especiais das escolas municipais, na Secretaria Municipal de Educação (SMED), do município de Pelotas.

Em 1984, a SMED foi coordenada por dois professores da FaE: Jandir Zanotteli e Circe Cunha, que junto com o governo Bernardo Olavo de Souza, então Prefeito eleito, do partido do PMDB, implantaram uma verdadeira mudança na educação do município. Lá estava eu em meio a tantos intelectuais dos quais outrora desejava me aproximar, agora como integrante do quadro das supervisoras. Lá conheci Gomercindo Ghiggi, Avelino da Rosa Oliveira, Maria Antonieta Dalligna, Magda Floriana Damiani (via trabalho integrado com a saúde escolar da prefeitura), os quais se tornaram meus colegas na FaE. A partir do trabalho desenvolvido na SME, em especial, meu trabalho de conclusão do curso de especialização foi um aprendizado refletido sobre uma prática que, desde 1978, eu vinha fazendo - trabalhar com crianças especiais (naquela época, dizia-se crianças excepcionais). O referido trabalho possibilitou-me fazer as primeiras reflexões escritas, à luz de teorias. Lembro do meu orientador indicando a leitura de um filósofo e teólogo dinamarquês, chamado Kierkegaard. Tudo novo e difícil, mas ele tinha a calma e a firmeza de um filósofo que iniciava seus discípulos para adentrar no templo do saber. Desse estudo, guardo em minha memória uma citação do autor citado (talvez não textual), que muito enriqueceu meu texto e, também, permitiu desdobramentos importantes, tanto para a escrita do texto em si, como para iluminar o que vinha fazendo. Acho que era mais ou menos assim: “Tratar os diferentes como

---

<sup>6</sup> Considero que a formação continuada acontece em todo curso institucionalizado ou não, após a formação inicial. Desse modo, o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado, fazem parte deste trajeto formativo. No entanto, por opção o relato sobre o mestrado, o doutorado e pós-doutorado integrarão a parte II alusiva ao meu trajeto de formação na docência.

iguais é mascarar sua segregação”. Essa premissa foi detonadora de muitas possibilidades. Parece que concluí o curso com sucesso. Não lembro bem...

Ao relatar esta minha primeira experiência de formação continuada, faz-me pensar no que Delory-Momberger (2008) fala sobre a *hermenêutica da narrativa (auto)biográfica*. Segundo a autora, esta hermenêutica acontece por meio da constituição de uma “inteligibilidade biográfica, ou seja, sobre a maneira como o homem aprende sua própria vida, recontando-a [...] num todo unitário e estruturado com o qual relaciona os momentos de sua existência” (p. 57-58).

Na próxima parte, intitulada “Narrativas do meu trajeto de formação na docência”, rememorarei minha entrada na universidade como professora entretecida pela minha constituição como professora e pesquisadora.

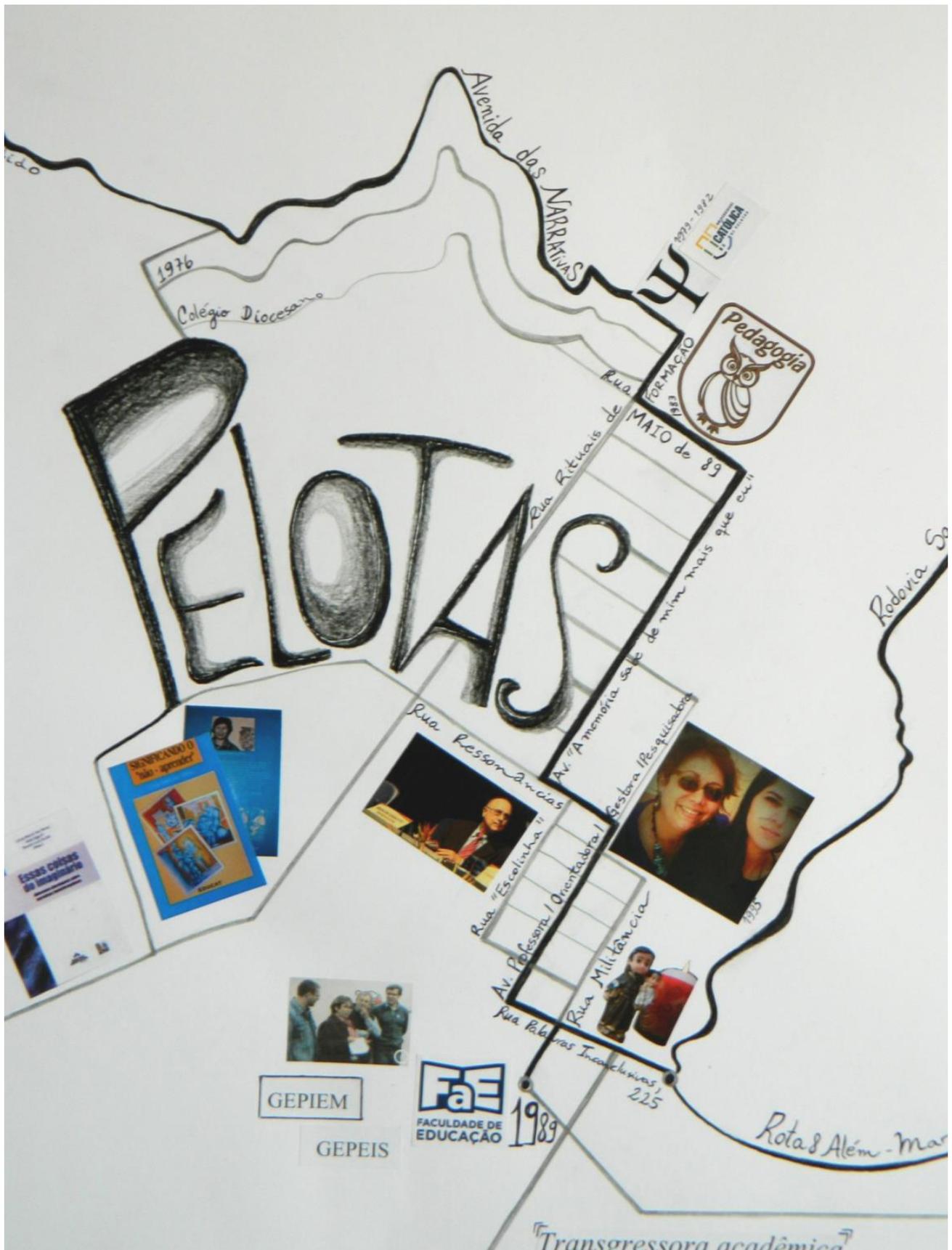


FIG. 2 – Desenho: Rituais de formação (Fragmento), de Lislaine Cansi. Fonte: Lislaine Cansi.

## PARTE II

NARRATIVA DO MEU TRAJETO DE FORMAÇÃO NA DOCÊNCIA

## 1. Maio de 1989 – ingresso na Faculdade de Educação/UFPeI

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Eduardo Galeano

Minha entrada na FaE/UFPeI estará guardada para sempre em minhas memórias felizes! Em maio de 1989, assinei meu contrato como professora efetiva; foi mesmo um momento-charneira (JOSSO, 2004) em minha vida. Os “momentos ou acontecimentos charneira” são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas” (nas palavras da autora); acontecimentos que separam, dividem, articulam as etapas da vida.

A diretora da época era Ceres Torres! Mulher forte, firme e por vezes impositiva, mas muito amorosa. Com ela aprendi um pouco da diretora que hoje sou... Foi ela quem, efetivamente, dirigiu meus primeiros passos na instituição.

Preparei-me para este concurso, estudando com minha colega, amiga e irmã de coração, prof.<sup>a</sup> Magda Floriana Damiani. Lembro das nossas manhãs e tardes, preparando pontos e discutindo ideias, na rua Três de Maio, nº 733, onde morava e tinha meu consultório de psicopedagogia. Ela tinha domínio em alguns conteúdos; eu, em outros, no que se relacionava à psicopedagogia, por exemplo. Foi minha primeira experiência verdadeiramente interativa e colaborativa e, a partir daí, nossos laços se estreitaram (nós já nos conhecíamos desde 1985; já nutríamos afetos), como uma espécie de aliança à vida. Magda passou em 1º lugar e eu, em 2º lugar e logo fui chamada.

Como um acontecimento-charneira, adentrei por veredas nunca dantes conhecidas. Assim que assumi minha função de professora, fui intimada, pela diretora Ceres, para coordenar a Escola da FaE, mais conhecida como “Escolinha”, situada no fim da rua Uruguai com Benjamim, nas dependências de uma igreja Católica. Tentei argumentar que não tinha formação para isso, o que Ceres refutou dizendo: “tens perfil e irás ser a coordenadora”.

Este projeto começou no Obelisco, em 1984, no bairro Areal, pela iniciativa de um grupo de professoras, dentre elas cito as professoras Circe Cunha, Marisa Marroni e Consuelo Requião; estas últimas, aposentadas, quando ingressei na unidade. Daí a necessidade de que alguém assumisse a tarefa de coordenar.

O trabalho se caracterizava por uma instância de trabalho pedagógico dedicado à educação básica de crianças marginalizadas do sistema escolar regular (em sua maioria). Foram dias e meses de angústia, assumidos como grande desafio e depois com muito prazer pelo aprendizado profissional e humano que lá adquiri. Como era um campo de estágio, tive como parceiras as colegas professoras Rita Medeiros, Eliane Peres, Siara N. Marroni, Eleonora Jaime e o professor Rogério Würdig. Aos poucos, foi evidenciando-se a necessidade de um estudo mais aprofundado, fundamentado em um referencial teórico construtivista que nos ajudasse a viabilizar melhores propostas para ajudar aquelas crianças e reintegrá-las na escola regular de origem. O intuito era engajar aquelas crianças no sistema regular de ensino. Necessitávamos de uma prática educativa voltada ao ensino com pesquisa. Essa experiência me apontou o quanto é possível construir uma proposta metodológica que viabilize um novo tipo de relação no ensino e na aprendizagem, bem como a formação de um "outro" professor.

Como especialista (que na época me considerava), e sendo chamada a exercer a coordenação desse tipo de trabalho, experimentei os sentimentos mais variados, que finalmente me desconstruíram por completo, para dar lugar a novas construções temporárias. A exigência dessa tarefa se distanciava, e muito, do saber “parte”. E agora gosto de pensar que a crise do saber que o momento histórico havia me colocado, hoje se tornou a crise para o despertar constante.

Certa vez, li Lao Tsé<sup>7</sup>: *as árvores que parecem possantes sempre se aproximam do fim (...) tenras e flexíveis são as plantas, quando começam.*



FIG. 3 – Foto com as crianças da escolinha (1990)

<sup>7</sup> Lao-Tsé tornou-se uma das principais figuras cultuadas no taoísmo, que é uma mistura entre religião e filosofia de vida. Ele seria o autor da obra que criou o taoísmo, o “Tao Te King”, ou “Livro do Caminho e da Virtude”.

Além do desafio da “Escolinha”, para a qual eu dedicava 20 horas do meu tempo, ministrei aulas de Psicopedagogia, como sucessora da Prof.<sup>a</sup> Helena Loureiro (em cuja vaga eu entrei); não foi tarefa nada fácil. Ela era um ícone da área! Minha primeira turma do Curso de Pedagogia foi com o 7º semestre. Um grupo muito interessante, questionador e com forte militância estudantil. Lembro bem dos estudantes! Dentre eles estava Patrícia Pereira Cava (hoje, minha colega de unidade e departamento) e Guilherme Panatieri (hoje, Padre). Foi uma experiência muito rica ministrar essa disciplina, visto que já tinha alguma prática, tanto em escola, como na clínica.

Além do Curso de Pedagogia, ministrava aulas para outras licenciaturas: Letras, Filosofia e Estudos Sociais e Geografia, via disciplinas de Psicologia da Aprendizagem e Psicologia do Desenvolvimento.

Na verdade, o susto da chegada ficou mais por conta de ter de assumir o projeto da “Escolinha”.

Nos anos seguintes, fui trabalhando com as mesmas disciplinas, variando os cursos, mas sempre com as Psicologias e a Psicopedagogia para a Pedagogia. Também trabalhei como supervisora dos estágios, na “Escolinha” e por um ano em uma escola do município.

Ao longo destes 26 anos, tenho trilhado um caminho encantador e cheio de imprevistos, experienciando o que chamo de uma busca da Pedagogia Holística. Tentando salvaguardar os pré-conceitos acadêmicos a respeito do holismo. Para mim, essa Pedagogia se caracteriza num encontro de visões míticas e criativas em direção à soluções, a partir do conhecimento e da experiência acumulados. Em outras palavras, é uma perspectiva que integra os aspectos construtivos da minha formação, provenientes do embasamento teórico e filosófico a respeito do homem e da sociedade do qual fui me apropriando nesse decurso temporal.

## **2. Do mestrado ao Pós-doutorado – uma saga feliz!**

Em 1992, ingresso no mestrado, na UFRGS, na capital porto alegre, sob orientação da prof.<sup>a</sup> Terezinha Vargas Flores. Lá, exerci meu primeiro pensamento arriscado, guiada pela mão firme e pelo olhar atento e singular da minha querida Terezinha. O que fiz? Aproximei Carl Gustav Jung e Jean Piaget para problematizar o

sentido que as crianças atribuíam ao não aprender. Foi uma experiência muito produtiva no sentido de aprofundamentos de estudos, além de me render várias adjetivações (de excêntrica à mística da academia), por conta do instrumento de coleta de dados utilizado. Fiz uso de quatro cartas do Tarô de Marselha para identificar as representações das crianças sobre o que sentiam frente à dificuldade de aprender. Foram elas: o louco, o mago, a imperatriz e o imperador, como “figurações arquetípicas” da relação entre o ensinar e o aprender. Tal ideia e construção tiveram como base os estudos de Jung, no que se referia ao inconsciente coletivo<sup>8</sup>. As relações com Piaget ficaram por conta do que chamei de “abotoamentos entre fenocópias<sup>9</sup> e inconsciente coletivo” (PERES, 1996, p. 65). A defesa do mestrado foi tensa, pela originalidade que se impunha, mas fui aprovada com sucesso. A dissertação virou livro! Minha primeira obra... Considero-a precursora de toda a minha caminhada acadêmica de autoria. Com ela, me afirmei como uma pesquisadora que pensa na contra hegemonia do instituído ou como, nas palavras da minha querida amiga e colega Magda Damiani, uma “transgressora acadêmica”. Na verdade, eu não escolhi... Acho que, de algum modo, estes estudos me chamaram e fui cedendo e gostando.

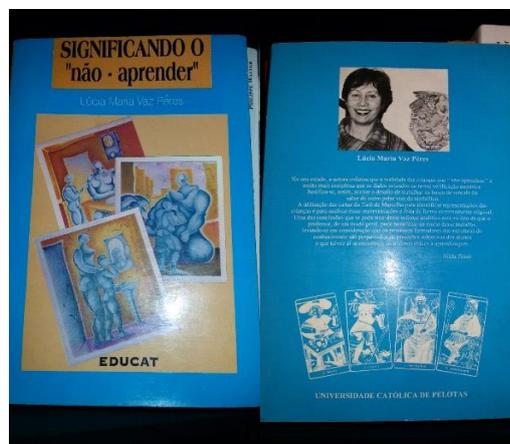


FIG. 4 – meu primeiro livro

<sup>8</sup> Sumariamente se pode dizer que este conceito, cunhado por Jung, refere-se à camada mais profunda da psique onde estão “depositados” materiais que foram herdados culturalmente. Ou seja, nele residem os traços funcionais, tais como imagens virtuais, que seriam comuns a todos os seres humanos. Além disso, o inconsciente coletivo também tem sido compreendido como um arcabouço de arquétipos cujas influências se expandem para além da psique humana.

<sup>9</sup> Neste caso, a fenocópia tratou de mostrar as relações e a continuidade funcional que liga o processo de formação e desenvolvimento do conhecimento aos mecanismos biológicos de autoregulação que caracterizam um organismo. Maiores detalhes encontram-se na obra “Significando o ‘não-aprender”” (PERES, 1996)

De algum modo, o que fiz, e ainda faço, é trabalhar e pesquisar em sintonia com o que fui aprendendo e valorizando no meu viver. Ou seja, a visão mítica e mística com suas simbologias vem me acompanhando ao longo de meu trajeto de formação. A bem da verdade, os estudos da Psicologia Analítica entraram na minha vida quando ainda estava na graduação em Psicologia. Lá, eu ensaiava estudos autodidatas sobre o autor, por entender que ele trazia nova dimensão sobre a experiência de estar viva e atribuir sentido. O estudo que me iniciou e me incitou a desejar mais foi sobre as temáticas e as teorizações do livro *O Homem e seus Símbolos* (JUNG, 1964). Com ele, pude acompanhar e viajar nas narrativas sobre tempos fabulosos ou heroicos.

Comecei a perceber que havia neles um tanto de hermético, por isso, de compreensão muito difícil. Tanto mais me instigava a querer saber. Foi então que, através de uma outra leitura: *C. G. JUNG Seu mito em nossa época* (FRANZ, 1964), compreendi que a Psicologia Analítica estava ancorada num sentido e numa significação simbólica muito ligada à cosmogonia. Buscava compreender a origem e a evolução do Universo, através dos estudos da *psique* nas diferentes civilizações. Daí os mitos: deuses encarnadores das forças da natureza presentes e, por vezes, entranhados na formação humana.

Concluí o mestrado em 1994 e, em 1995, ingressei no doutorado, também na UFRGS. Desta vez, minha orientadora foi Marisa Faerman Eizirik. Uma grande profissional, que me ensinou a ter os pés bem assentados no chão, para alçar voos mais altos e mais seguros. Além disso, me ajudou a fortalecer a importância da estética e da ética de viver uma vida feliz. Foi um grande encontro (nada fácil, no início), que demarcou em mim a certeza de que os conceitos e as teorias devem reverberar em nosso modo de ir sendo como profissional e pessoa.

Nesse momento, dedico-me a aprofundar o sentido de ser professor, visto que, na pesquisa do mestrado, as figuras de autoridade, representadas pelos pais e professores, apareceram com super poderes, na figura do mago do Tarô, para mudar o rumo da aprendizagem das crianças que enfrentam dificuldades na escola

Por esse caminho, fui capturada pelos temas atemporais, presentes, por exemplo, nos símbolos e nos mitos. Assim, adentrei nos estudos da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand, logo após o término do meu mestrado, por indicação da prof.<sup>a</sup> Nilda Teves, que estava na minha banca. No início desse processo, minha orientadora sugeriu que eu buscasse uma co-orientadora que entendesse mais profundamente da teoria. Para

tal, indicou a prof.<sup>a</sup> Ana Luiza da Rocha Carvalho. Esta foi minha grande iniciadora na obra de Gilbert Durand.

Entre idas e vindas, com muito mais ganhos do que sofrimento (e não foram poucos), concluí minha tese, em 1999, intitulada: “Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica”.

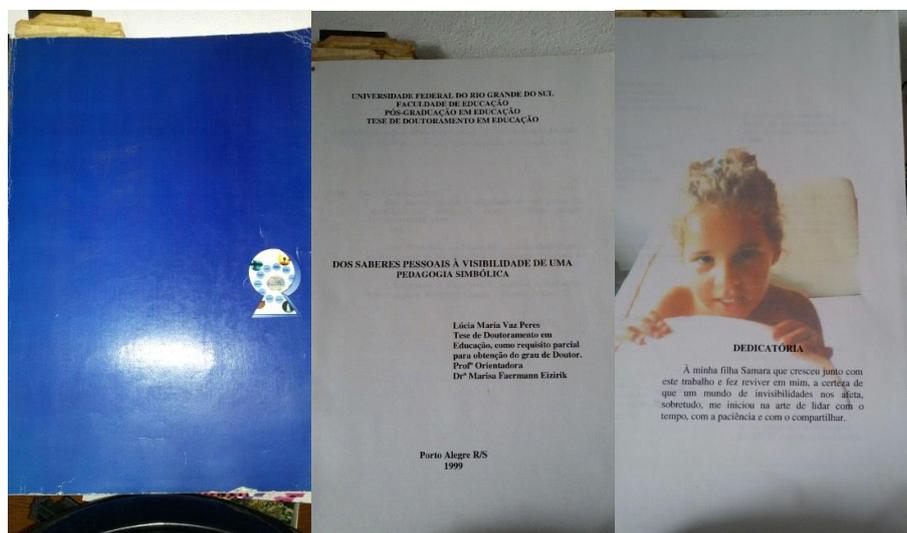


FIG. 5 – Imagens da minha tese de doutorado

Não publiquei livro, como o fiz com o mestrado, mas rendeu alguns artigos (sinalizarei na minha produção) e, até hoje, minhas reflexões têm reverberado nas pesquisas subsequentes. Gilbert Durand e Gaston Bachelard tornaram-se meus companheiros inseparáveis... Carl Gustav Jung continua em mim e nas minhas produções, mas não com a força que teve no mestrado. Aliás, esta foi uma condição da minha orientadora Marisa, para que eu fosse por ela orientada. Acatei a orientação de não trazer Jung como uma referência teórica importante, por compreender as razões do pedido. No entanto, tanto Bachelard quanto Durand beberam nele para formular o grande arcabouço dos estudos do imaginário, em especial constata-se isso na obra de Gilbert Durand<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> O interessante é que, passados 17 anos após meu doutoramento, tenho me reencontrado com ele de forma sincrônica e forte, seja através de meus orientandos, seja pela releitura de algumas obras. Em especial, o reencontrei através de minha mestrande Rose Mary Kerr De Barros e, também, com meu ex doutorando José Aparecido Celório (este mais voltado ao discípulo James Hillman). Estas duas pessoas chegaram em minha vida como uma força arquetípica para me devolver energias e coisas que fui deixando ao longo da caminhada. A tal ponto que estou projetando, para este fim de carreira, fazer uma especialização na Sociedade de Psicologia Analítica em Porto Alegre.

O autor citado (1989) avança e sistematiza algumas ideias preconizadas por Jung e defende que o que diferencia o arquétipo do símbolo é sua universalidade constante e sua adequação ao esquema. No prolongamento desta noção, trata do mito como um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas. Ou seja, constrói uma terminologia precisa acerca da imagem e do imaginário e uma arquetipologia geral. Para Durand, os símbolos, os arquétipos e os sistemas conceituais da cultura humana são organizados, segundo eixos imaginais, que chama de regimes estruturais do imaginário, categorizando-os e distinguindo-os em: diurno e noturno; estes não são “agrupamentos rígidos de formas imutáveis” (DURAND, 1989, p. 64). Portanto, Jung continua comigo...

Em 2011, fui contemplada com uma bolsa pela CAPES (pós 2ª tentativa), para fazer meu estágio pós-doutoral – pós-doutorado, na Universidade do Minho, em Braga/Portugal, sob orientação do Prof. Alberto Filipe de Abreu Araújo. Momento de mais um desafio teórico e existencial, pois fui morar longe dos pagos conhecidos e dominados pela minha percepção e, não bastasse isso, deixei meu pai sozinho no alto dos seus 78 anos. Hoje, quando penso nisso, avalio que mais uma vez fui corajosa e um tanto irreverente. Naquele momento, fiz o que fiz porque além de ter um desejo muito forte de ter mais um momento dedicado aos meus estudos, tive forte guarida de pessoas fundamentais, que deram suporte emocional para que eu fosse. Mais uma vez tive o apoio da querida parceira de trabalho e de cumplicidade... Magda (desta vez junto com seu esposo Ricardo) segurou firme e exerceu muito bem o papel de filha substituta... Não bastasse estudarmos juntas para o concurso quando ingressamos na UFPel, agora ela se colocava em um novo e qualificado patamar: a de ser a irmã que não tive. Minha eterna gratidão! Esse gesto, em especial, ajudou-me a ficar firme nesta minha empreitada de oito meses além mar. A saudade e a preocupação foram mediadas pelo Skype, nas quintas-feiras, quando o pai ia almoçar com eles.

Meus estudos foram promissores, mas muito importante foi a imersão cultural que vivemos (minha filha e eu). Ter a oportunidade de conhecer outros países e modos de viver foi por demais enriquecedor. Sem falar que me apaixonei por Portugal. Sem sombra de dúvida, viveria lá, não fosse meu apego à família. Isso ainda não foi descartado dos meus projetos futuros...

Lá, participei pouco de grupos de pesquisa. Essa não era uma prática do meu orientador. Como um bom português e professor catedrático e grande teórico, sua prática era mais do tipo carreira solo. Estranhei muito isso, justo eu que sou voltada ao

coletivo. Sendo assim, o estágio resumiu-se em longos debates com o orientador e a escrita de dois artigos, um com ele, mais dois simpósios no Brasil, em evento internacional, e mais a participação de um Colóquio Internacional como debatedora, ainda em Portugal. Nesse colóquio (de 48 horas), conheci pesquisadores romenos, italianos, franceses, além dos portugueses. Todos falando na sua própria língua, sem qualquer tradução. Foi mesmo muito difícil, não fosse a ajuda de um colega doutorando que era poliglota. Felizmente, a mesa, onde eu era debatedora, foi composta por um espanhol e dois portugueses (um deles junguiano). O tema da mesa foi: “Educação e imaginário: um projeto de iniciação (auto)formativo”. Esse evento foi uma imersão, tipo mergulho de trampolim numa piscina sem fundo, que até hoje reverbera em mim. Na oportunidade, conheci um professor espanhol, da Universidade de Salamanca, Angel Garcia Del Dujo, com o qual até hoje mantemos uma interlocução acadêmica. Recentemente, convidou-me a publicar um artigo sobre a temática do corpo na educação, na revista de sua universidade: **Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria**. O artigo é produto de um simpósio organizado para o próximo<sup>11</sup> VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, juntamente com uma ex-doutoranda, Andrisa Kemel Zanella, e o prof. Alberto Araújo (Portugal). Deverá estar publicado em agosto ou setembro próximos.

Posso, sem dúvida, afirmar que, do mestrado ao pós-doutorado, a menina que chegava do interior para estudar na cidade de Pelotas, lá no final da década de 70, teve uma saga feliz! Uma sucessão de histórias, vivências, verdades, ficções, desaguaram em figuras heroicas que foram compondo a trajetória da pessoa e da profissional.

Certa vez, um orientando muito especial na minha trajetória como orientadora compôs uma narrativa avaliativa sobre como pensa que eu funciono... Como a narrativa era para um outro fim, mas muito própria, tomei a liberdade de transfigurá-la ou parafraseá-la para o meu fazer acadêmico. Diz mais ou menos assim...

A menina que quer companhia... conversa, fala, busca amizade e faz alianças de lealdade... tem a imaginação como força motriz... seu corpo também imagina... é fiel escudeiro de sua face que sonha os possíveis, decreta atos defensivos e tem nos seus estudos uma brecha para sair do marasmo da vida ou mesmo para afastar os dissabores acadêmicos. Essa menina, feliz e realizada com a face alheia que acaricia seus mais recônditos desejos, foi, em um momento da sua vida, surpreendida pelo medo repressor... Aquele senhor de capa escura que avisa: cuidado, os teus estudos podem te lançar no pior drama da vida: o de sentir que para ser aceita é preciso pagar um preço.

---

<sup>11</sup> Que será realizado em julho próximo, na cidade de Cuiabá, MT.

Assustada, foge, e na ânsia de afastar essa espécie de vaticínio, desvia de qualquer vestimenta que se assemelha a uma capa, mesmo que sejam as asas de um anjo. A imaginação passa a ser um refúgio ou um recuo diante do medo de não ser aceita, de não receber o suficiente frente a tanto investimento.

Parece que a melhor maneira de romper com essa percepção é encontrar um itinerário que a leve novamente ao encontro desse ser de capa escura... talvez a melhor forma de começar o diálogo seja: agradeço a proteção que me deste, mesmo quando me chamaste de excêntrica. A menina, agora mulher, passou por poucos momentos que a permitiram encontrar esse itinerário; talvez agora esteja passando pelo momento mais significativo... Independentemente da vestimenta, o que aparece em sua vida serão oportunidades de libertação da aprovação do outro. Agora está pronta para provar o fruto da árvore da vida acadêmica... O mesmo que a chamou de excêntrica a encorajará a encontrar esse itinerário como modo de recuperar o sonho perdido... será ele que possibilitará a ela ver, no lugar de uma capa escura, dois braços prontos para segurar seus pensamentos desassossegados...ver no repressor o protetor ausente...<sup>12</sup>

Assim, concluo o que denominei como uma saga feliz, neste trajeto entre o mestrado e o pós-doutorado.

### 3. A experiência como Professora e pesquisadora e orientadora... no decurso de 26 anos

No processo formativo, ao lado da intencionalidade, acreditamos presentes, também como dimensões constituintes, a reflexão autobiográfica e, como corolário, a construção identitária e a experiência afetas ao sujeito da formação [...] **A questão da indissociabilidade do eu pessoal do eu profissional remete à dimensão que se ocupa da construção da identidade nessa área**, isto é, de sentir-se e de ser professor. (ABRAHÃO, no prelo, p. 1-2) (grifos meus)

Começo a escrita desta parte do texto salientando os grifos da citação acima, pois, ao longo deste trajeto de 26 anos, a pessoa da Lúcia esteve sempre implicada na profissional e, aliás, esta foi uma das premissas da minha tese de doutorado. Somos um todo complexo! Com Josso (2004), aprendi que ao trabalharmos as questões identitárias, fazemos emergir expressões da nossa existencialidade. E, através da análise e da interpretação da narrativa escrita, como este exercício de escrever o memorial, podemos realçar os movimentos que nos intimaram. Vou aqui trazer estes realces com o intuito

---

<sup>12</sup> Esta narrativa foi um dos presentes mais lindos que eu recebi ao longo da minha vida. Como disse, fiz uma transfiguração do original, trazendo para o campo das minhas vivências acadêmicas, visto que o fim era outro. Obrigada, José Aparecido Celório, por me mostrares o melhor e mais profundo reflexo de mim mesma.

de refletir sobre como venho me percebendo nestes três papéis: o de professora, pesquisadora e orientadora.

Começo com a seguinte pergunta: **como nos relacionamos conosco neste percurso?** Minha resposta a esta pergunta é assim: a mesma maneira como cuidamos de nós próprios, será a maneira como cuidaremos do outro. Eis aqui uma forte influência junguiana...

Desde o início da minha carreira, percebo que o que me instituiu como professora foi não aceitar os limites do pronto e do acabado. Eu sempre me rebelava.

Defendo que ao ensinar refletimos, por um lado, o conhecimento que acumulamos e nos apropriamos sobre determinado saber, por outro, ensinamos com a bagagem decorrente da nossa história de vida, de nossas próprias aprendizagens e intimações vividas e em nós consteladas. É importante pensar e pesar sobre o que adquirimos ao longo dessa viagem e dessa interação. Ela poderá ser responsável pela nossa humanização (e do outro) ou pela nossa coisificação (e, igualmente, do outro). Convém lembrar que o lugar ocupado pelo ser-humano no mundo do conhecimento é similar a uma viagem, cujo meio de locomoção é o carro chefe de um outro. Ou seja, este processo de descoberta, de conhecimento, de possibilidades começa de um passo solitário e paradoxalmente solidário, a partir dos passos daqueles que nos antecederam.

Minha experiência como professora, ao longo destes 26 anos, tem sido mediada pelas demandas do momento, mas ainda me acompanha a mesma mística dos primeiros anos. Ou seja, independente do que esteja acontecendo na minha vida pessoal, ao entrar em sala de aula, a mágica da relação professor aluno me transforma. Trabalhei em várias licenciaturas: Filosofia, Letras, Estudos Sociais (de 1989 a 1990), Educação Física, Geografia, além de sempre estar na Pedagogia da FaE.

Lembro com saudade daquele tempo, início da carreira, em que tínhamos mais tempo para elaborar e projetar as aulas. Sempre gostei de inovar e reinventar o conhecido. Ainda o faço, mas sem o tempo que gostaria. Obviamente, já estou mais experiente e com as disciplinas ministradas, ao longo deste percurso, melhor internalizadas em mim: Psicologias da aprendizagem e do desenvolvimento.

Uma experiência marcante foi o trabalho de formação continuada, intitulado Programa especial de Formação de Professores para professores da região sul do RS. A FaE foi protagonista dessa ação e sob a liderança do Prof. Elomar (a maioria dos professores aderiram ao programa), ficou marcada na história da formação desses professores.

Desde 2002, minha dedicação ao Curso de Pedagogia, com a mudança do currículo, tem se voltado ao bloco temático das Práticas Educativas, no 1º semestre, onde mesclo o resgate autobiográfico da formação dos estudantes, com vistas à futura prática docente, e um conhecimento introdutório das escolas psicológicas: comportamentalismo, interacionismo piagetiano e vygotskyano e Psicanálise, prioritariamente.

Além da graduação, trabalho com a pós-graduação desde 1999 (logo após meu doutoramento), o que me fez me afastar das outras licenciaturas. Meu ingresso, como docente no mestrado, foi sob o acompanhamento da minha querida e saudosa Prof.<sup>a</sup> Carmem Duarte. Ela me iniciou nesta tarefa, pois ministrávamos os seminários juntas. Foi, sem dúvida, uma bela e fecunda iniciação. De lá até este momento, fui crescendo e tive uma outra colega iniciadora num outro aspecto. Tânia Maria Esperon Porto, aposentada da FURG, veio para a segunda carreira na UFPel. Nossa afinidade foi sendo construída. Fizemos muitas parcerias: seminários na pós, orientações conjuntas entre os nossos mestrandos e eventos. Quando quis ter o meu grupo de pesquisa (em 2000), chamei-a para compor comigo como vice-líder. O nome do grupo, inicialmente, chamou-se Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Comunicação (GEPIEC). Passados três anos, mudamos para Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), em função da abordagem teórica ser, fundamentalmente, voltada aos estudos autobiográficos. Nesse momento, a prof.<sup>a</sup> Valeska Maria Fortes de Oliveira (UFSM) passa a compor comigo na condição de vice-líder.

O intuito do GEPIEM, nesse momento, foi estudar e pesquisar temas relativos ao Imaginário durandiano e bachelardiano, em convergência com os estudos referentes aos processos humanos (auto)formadores, preconizados pela pesquisadora suíça Marie-Christine Josso. Ao longo desses 16 anos, vimos aprofundando conceitos relativos à Antropologia do Imaginário e das Histórias de Vida em formação (a partir de 2002); voltamo-nos aos estudos das narrativas: orais, escritas e simbólicas, tendo o imaginário como “carro chefe”.

Tomamos o imaginário como um “entre-saber”, a partir de Gilbert Durand (1998) e, assim, vimos defendendo que os conceitos e as metodologias, assentados nesta abordagem, necessitam reabilitar as metáforas, criando, então, as condições de acesso às produções do imaginário por meio da literatura e da arte como fermentos para pensar o objeto a ser pesquisado. A arte, em especial, é enaltecida por Durand (1989), pela sua importância antropológica, conveniente ao museu das culturas. A partir dos referenciais da Antropologia do Imaginário, entendemos que imaginário não é redutível a explicações

parcelares a cargo deste ou daquele ramo de saber. Ele postula sempre a abrangência integradora de um olhar poliédrico; uma entrelaçada e diversificada rede de “modos de olhar e de ver”, uma vez que o que está em causa não é só a natureza do Homem, mas também a sua cultura e a sua história”. (ARAÚJO, BAPTISTA, 2003, p. 14).

Também sou vice-líder do GEPEIS<sup>13</sup> (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário Social e Educação), desde 2010. A liderança é da Prof.<sup>a</sup> Valeska Maria Fortes de Oliveira.

Como professora, pesquisadora e orientadora (desde 2002), fui compreendendo que o processo de criação e orientação de diferentes pesquisas no campo do imaginário careciam de um eixo teórico-metodológico. Fundamentada nos ensinamentos de Gilbert Durand (1988, 1998) e Gaston Bachelard (1987, 1990) fui aprendendo a ser orientadora, juntamente com a tecedura da produção com e no grupo.

Uma forte âncora está em Gaston Bachelard, a partir da imaginação material (criadora), onde ele nos mostra que os fenômenos estudados sempre podem mostrar novas significações a partir das hormonas da imaginação de quem pesquisa.

Outra forte âncora está em Gilbert Durand. Com ele, fomos<sup>14</sup> aprendendo a unir imaginário e racionalidade. Exercitamos junto às nossas pesquisas o realce da terceira via entre o estruturalismo e a hermenêutica, buscando o sentido que privilegia o nível simbólico de compreensão rumo a uma nova hermenêutica respeitosa do homem total (complexo), com suas emoções e contradições sempre atentas à liberdade de criação com vigor e rigor. No GEPIEM, uma das tônicas veiculadas nos trabalhos de mestrado e doutorado (com pequenos ensaios na iniciação científica) é a busca de compreensão do fenômeno estudado, buscando a indissociabilidade entre a razão e as significações simbólicas (*schémes*, arquétipos e símbolos).

Ao longo da caminhada de 16 anos, fui incorporando as linhas mestras da imaginação e do imaginário, assim apreendidas:

- o imaginário obedece a uma lógica que advém do estruturalismo figurativo e do formalismo das significações; enriquece a representação do mundo; é ambivalente, pressupondo acertos, erros, ilusões e verdades;
- a imaginação transcende os limites do mundo sensível, excedendo os significados intelectuais; auxilia na consciência construtora do sentido da vida;

---

<sup>13</sup> Este grupo está sediado na UFSM, desde 1993. Para nós do GEPIEM, sempre foi uma inspiração.

<sup>14</sup> Em algumas partes do texto, escreverei na 3ª pessoa do plural por estar me referindo ao trabalho do com o grupo de pesquisa.

ativa pensamentos abertos e complexos que, *a posteriori*, a racionalização transforma em sentido unívoco.

Portanto, nesse trajeto de estudos, em cuja busca ancora-se uma “Pedagogia do Imaginário” (DURAND, 1988), minhas tentativas como professora, pesquisadora e orientadora, foram sempre de buscar o equilíbrio entre a razão e a imaginação num esforço entre a abstração científica e a fecundidade onírica. Sabemos que ambas necessitam de uma boa quantidade de estímulos e de condições favoráveis para que aconteçam. Por exemplo, muito estudo para daí emergir a inspiração. Minha aposta, nas orientações, é sempre bachelardiana. Aprendi com ele que é preciso sonhar os sonhos e pensar os pensamentos. Bem mais adiante, próximo do meu pós-doc, conheço o autor francês Jean-Jacques Wunemberger, que junto com meu orientador Alberto diz:

É precisamente neste equilíbrio que se assenta uma das principais tarefas de uma pedagogia do imaginário, e que consiste em reconhecer simultaneamente níveis de especificidade e de irredutibilidade entre a razão (ciência) e a imaginação (poesia). Com efeito, uma pedagogia do imaginário deve saber perturbar a razão e, se o conseguir, junta-se à atitude bachelardiana. (WUNEMBURGER e ARAÚJO, 2003, p. 41)

Olhando para os meus 26 anos na FaE, percebo que ao rememorar estas práticas como docente/pesquisadora/orientadora fui me deparando com grandes necessidades que geraram grandes aprendizagens. A saber: a transcendência mediante minha primeira formação como Pedagoga com um pé na clínica psicopedagógica... Fui extrapolando o aprendido – não mais me detive na premissa de que para ensinar e formar alunos bastaria a transmissão de conteúdos programáticos. Fui além. Reinventei modos de fazer isso e parece que deu certo.

O professor em mim foi aprendendo com as intimações individuais/sociais. Na micro instância, ensina e aprende com os alunos através da interação em sala de aula e muita atenção às singularidades da turma que está sob nossa égide. Novas formas de pensar e desenvolver o raciocínio autônomo foram balizando meu jeito de contribuir com a formação. Na macro instância, está atento às mudanças sociais, às emergências culturais e cotidianas. Isso requer uma ação reflexiva e transformadora, além de uma postura crítica e sensível. Crítica, na medida em que fui buscando, constantemente, a razão dos fatos, sejam eles decorrentes da atividade pedagógica em sala de aula ou do contexto social, pois essa atividade não se esgota no "saber-fazer", mas na busca do "saber-ser", sempre inacabado. Sensível, no sentido de exercitar a capacidade de sentir o outro na sua profundidade, fui

priorizando o sentimento de respeito mútuo e o espírito de cooperação. A educação e a formação humana são, por excelência, um jogo de interpelação do outro para nos deslocar da zona de conforto e das certezas.

Como o homem saudável de Hipócrates, estou a equilibrar a água e o fogo no universo acadêmico que, ainda hoje, tem primado pelo desequilíbrio ao excluir os contrários. Podemos considerar que a partir dos estudos do imaginário e, em especial, com Bachelard (que lembrem, foi orientador de Durand), olhando as ciências humanas; a visão do homem como se fosse um objeto deixa de ser a mais importante. Segundo o filósofo, somente validamos o conhecimento pela experimentação e pela poesia. O autor demonstrou, através da sua obra, que a organização do mundo, no que se refere às relações existentes entre os homens e a natureza, não resulta de uma série de raciocínios. Sim, resultou de elaborações mentais (psíquicas) carregadas de afetos e emoções. Nesta perspectiva, ele coloca algumas ideias básicas: que o símbolo permite estabelecer o acordo entre o “eu” e o mundo; que os quatro elementos (terra, ar, água e fogo) são os “hormônios da imaginação”.

Finalmente, ao usarmos as palavras, como sonhos aconchegados no ventre, queremos cultivar os embriões do devir de outras possibilidades e modos de pensar a formação, através do ensino e da pesquisa. Nossos dois grupos apostam que imaginar é criar o mundo, é criar o universo, seja através das artes, através das ciências, ou através dos pequenos atos, profundamente significativos, do cotidiano.

Um dos grandes embriões crescidos e lançados à vida acadêmica foram os meus orientandos de iniciação científica, de outra natureza – TCC e bolsista de graduação (19) mestrado (22)<sup>15</sup> e doutorado (10). Também orientei estágios no tempo em que estive a frente da escolinha – de 1989 a 1992, num total de 08<sup>16</sup>. Ao todo, cruzaram, nesta minha trajetória, **59 vidas** que comigo aprenderam e muito me ensinaram. Não farei comentários, pois não caberia aqui qualificar tal relação. Mas, por certo, eles deixaram um pouco deles em mim, assim como fui com eles... Na parte III deste trabalho, no item **E, também sobre as ressonâncias das pessoas que compuseram esta trajetória...** Alguns deles se dispuseram a falar sobre esta experiência de terem sido orientados por mim como forma de ajudar a compor o mosaico sobre o que penso que me tornei.

---

<sup>15</sup> Uma como co-orientadora.

<sup>16</sup> Percebo que esta orientação não foi computada no meu currículo lattes, provavelmente, porque nessa época ainda não contávamos com esta plataforma. Mas lembro que totalizaram 08 pessoas

Ainda em andamento, tenho 04 mestrados, 03 doutorandos, 01 iniciação científica e um bolsista de graduação, totalizando 09 pessoas.

A seguir, passo a descrever as minhas produções e comentarei algumas que foram emblemáticas em meu trajeto como pesquisadora.

### **3.1.Minhas produções... nunca fui excelência, mas sempre dei o melhor de mim**

Minha produção começa a surgir após meu mestrado e se regulariza e se fortalece após meu doutoramento. Pretendo demarcar, dentre estas, aquelas que julguei fundantes para o momento da minha constituição como pesquisadora. Na verdade, vou elencá-las, com mais detalhamento e comentários. A seguir, colocarei aqui, por ordem cronológica e, após, retomarei algumas das produções.

Os artigos publicados em periódicos totalizaram 34. Dentre eles, alguns com parcerias importantes. Foram os seguintes:

**1994 - Um olhar refletido na vida de crianças de periferia: desejos e representações.** Cadernos de Educação (UFPel), Pelotas, v. 01, n. especial, p. 136-140.

**1996 - Da construção à produção do ato de aprender não aprender.** REVISTA DA UCPEL, Pelotas, v. 06, n.01, p. 53-60.

**1997**

**Recortando reflexões acerca do simbólico em Durand: e Jung: algumas contribuições para o estudo do imaginário.** Cadernos de Educação (UFPel), Pelotas, v. 01, n.01, p. 117-126.

Em co-autoria com SPEROTTO, Rosária Ilgenfritz. **Repensando o sujeito sob o prisma psicopedagógico.** Anais de psicologia entrelaçando discursos da ciência, Pelotas, v. 01, n.01, p. 109-114.

**2002-** em co-autoria com OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. **Imagens e imaginários: a dimensão simbólica do vivido e do pensado na formação de professores.** Cadernos de Educação (UFPel), Pelotas, v. 1, n.1, p. 153-170.

**2004**

**Sensibilizando o método.** Cadernos temáticos Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Brasília, v. 1, n.1, p. 47-49.

**O Imaginário Científico sob a invocação de Gaston Bachelard: um trânsito entre duas vertentes epistemológicas.** Cadernos de Educação (UNIC), Cuiabá, v. 1, n.1, p. 119-132.

**Aportes para a Formação do docente de crianças surdas: na espreita do entre-saber.** ESPAÇO (INES), Rio de Janeiro, v. 1, n.21, p. 18-23.

**O professor, as mídias e o imaginário: uma porta para o entre-saberes fomentador de representações.** Ecos Revista, Pelotas, v. 8, n.1, p. 83-98, 2005.

**2005**

**As Mídias e a Formação Continuada: fomentos de imaginários e representações.** COMUNICAR (Huelva) JCR, Huelva Espanha, v. 24, n.1, p. 158-161.

**Los medios como espejos de las representaciones de los niños: tránsitos de culturas y subjetividades.** PORTULARIA (Huelva), Huelva - España, v. v, n.2, p. 35-43, 2005.

**Os Saberes Pessoais no tempo de uma Pedagogia Simbólica.** CADERNOS DE EDUCAÇÃO (UNIC), Cuiabá, v. 1, n.1, p. 27-44.

**2006** - em co-autoria com ZANCHET, Beatriz Maria Boessio Atrib; PORTO, Tania Maria Esperon; DAMIANI, Magda Floriana ; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **No rastro da história da FAE: um inventário dos caminhos da formação docente.** CADERNOS DE EDUCAÇÃO (UFPeI), v. 27, p. 73-88.

**2008**

**Narrativas como “retalhos das imagens” (auto)formadoras: matriciamentos em movimento.** ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (FURB), v. 3, p. 309-322.

Em co-autoria com EGGERT, Edla; PERES, L. M. V. **Conversando com Josso: encontros autoformadores** (Entrevista). Cadernos de educação (UFPEL), v. 1, p. 15-24.

Em co-autoria com ZANCHET, Beatriz Maria Boessio Atrib; PINTO, M. G.; PERES, L. M. V. **Trajetórias e saberes dos professores do ensino médio: por entre as teias da formação.** Educação UNISINOS, v. 12, p. 205-214.

Em co-autoria com KUREK, Deonir Luís. **Teias de alma: contribuições dos estudos do imaginário para a educação.** REVISTA @mbienteeducação, v. 1, p. 01-08.

Em co-autoria SILVA, Jacira Reis da; PERES, L. M. V. **O imaginário das mulheres negras silenciadas: um universo de símbolos e sentidos.** Educação UNISINOS, v. 12, p. 10-18.

## **2009**

Em co-autoria PERES, L. M. V.; MANCINI, Flávia Griep; OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. **RESENHA. Experiências de Vida e Formação.** Revista @mbienteeducação, v. 2, p. 152-156.

**Alguns apontamentos de narrativas autoformadoras: imagens e imaginários das aprendizes de professora.** REVISTA @mbienteeducação, v. 2, p. 115-127.

Em co-autoria OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de; PERES, L. M. V. **Dois grupos de pesquisa... Falas convergentes... Imaginários que se aproximam.** Educação (UFSM), v. 1, p. 453-472.

## **2011**

**Imaginários moventes: das professoras que tivemos à professora que pensamos ser.** Educere Et Educare (Impresso), v. 6, p. 1-11.

**Movimentos (auto)formadores por entre a pesquisa e a escrita de si.** Revista Educação (PUCRS. Online), v. 34, p. 173-179.

## **2012**

Em co-autoria com ZANELLA, Andrisa Kemel; PERES, L. M. V. **Novas possibilidades para pensar a formação humana de professores: reflexões oriundas do corpo biográfico entretecidas aos estudos do imaginário.** REVISTA @mbienteeducação, v. 5, p. 49-52.

**Uma psicologia encarnada na busca de outros modos para pensar e fazer a formação inicial de professores: a autobiografia como projeto (auto)formativo.** REVISTA @mbienteeducação, v. 5, p. 36-48.

### 2013

**Reflexões sobre a existência e a imaginação como fontes de saúde: seria uma das funções da formação humana?** Educere Et Educare (versão eletrônica), v. 8, p. 369.

Em co-autoria com ZANELLA, Andrisa Kemel; PERES, L. M. V. **As contribuições dos estudos do imaginário ao conceito de corpo biográfico.** Educere Et Educare (versão eletrônica), v. 08, p. 343.

Em co-autoria com CELORIO, J. A.; PERES, L. M. V. **Reflexões sobre a existência e a imaginação como fontes de saúde: seria uma das funções da formação humana?** Educere Et Educare (versão eletrônica), v. 8, p. 369.

### 2014

Em co-autoria com OLIVEIRA, V. M. F.; PERES, L. M. V. **Aprendendo e desaprendendo com nossos trajetos de pesquisadoras e orientadoras.** Educere Et Educare (Impresso), v. 9, p. 195-203.

**Por entre ressonâncias e repercussões... exercícios hermenêuticos na pesquisa que alinha os campos do imaginário e da (auto)biografia.** Cadernos de Educação (UFPEL) (ONLINE), v. 1, p. 4-17.

Em co-autoria com OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. **Aprendendo e desaprendendo com nossos trajetos de pesquisadoras e orientadoras.** Educere Et Educare (Impresso), v. 9, p. 195-203-203.

### 2015

Em co-autoria com ZANELLA, Andrisa Kemel; PERES, L. M. V. **Le corps biographique comme élément de réflexion dans la formation des enseignants : une étude à la lumière de l'imaginaire.** La recherche en education, v. 14, p. 23-31.

Em co-autoria com CELORIO, J. A.; MOURA, L. L. L. **O Facebook como transfiguração do outro como um si-mesmo.** Revista NUPEM (Online), v. 07, p. 79-91.

Em co-autoria com ARAÚJO, Alberto Filipe Ribeiro Abreu; PERES, L. M. V. **Quando a imaginação é olhada por educadores: contributos a partir de Kieran Egan de Rubem Alves.** Cadernos de Educação - UFPel (ONLINE), v. 50, p. 1-14.

Por alguma razão, nunca coloquei no meu lattes, o primeiro artigo publicado em 1991, em uma Revista de Psicopedagogia. Por que lembrei dele? Porque, além de ter sido o número 1, ele foi escrito a partir da orientação da minha colega Magda Damiani e por uma leitura do colega Elomar Tambara. Ambos fizeram várias ponderações para que o texto crescesse, mas Magda ajudou-me, *pari passu*, como se fosse minha alfabetizadora acadêmica. Fato que me deixou dependente de sua leitura, sempre muito crítica e construtiva. Até que quando me dei conta, passei a não “submeter” meus escritos. Por um lado, porque ela estava sempre muito atarefada e, por outro, e decorrente desse, por me sentir mais segura de mim. No entanto, esta memória ensinante da nossa parceria, faz parte da minha formação. Mesmo independente, lembro que quando da solicitação de bolsa para meu pós-doc foi negada, na primeira vez, antes de ressubmeter, pedi a ela uma ajuda para uma revisão tipo “cintilografia óssea” (como dizia da sua relação com os textos). E deu certo! Fui contemplada com a bolsa da CAPES. Portanto, mesmo na nossa diferença de estilo e de campo de estudos, Magda foi uma grande incentivadora da minha escrita (talvez o faça com este aqui também).

Ressalto os dois primeiros artigos, por refletirem a síntese dos meus primeiros passos na vida acadêmica. Ambos trazem a bagagem da psicopedagoga clínica, do trabalho realizado para a conclusão da especialização, desconstruídos na experiência do trabalho na “escolinha da FaE” e fundamentados no mestrado.

Já o escrito em 1997, traz a maturidade de uma doutoranda, ainda em processo de afirmação na nova teoria que até hoje me acompanha, intitulado “Recortando reflexões acerca do simbólico em Durand e Jung: algumas contribuições para o estudo do imaginário”<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Este, lembro bem... Magda leu e releu umas três vezes e dizia: “tens de escrever para que todos entendam. Tu não podes escrever somente para os iniciados na teoria”. O que aprendi, abstrai e digo aos meus orientandos: “quanto mais sabemos, mais facilitamos a compreensão para os leigos ao assunto”.

O artigo escrito em 2002, junto com Valeska... “Imagens e imaginários: a dimensão simbólica do vivido e do pensado na formação de professores” foi um marco como pesquisadora do imaginário na educação, pois ele foi produto do Iº Colóquio organizado por mim, com a temática do imaginário. A partir daí, comecei a demarcar meu território no âmbito da academia e, logo após, o término do evento, cadastrei o grupo de pesquisa que lidero até o momento.

Os anos de 2004 e 2005 foram de intensa produção e interlocução com outros pesquisadores, o que se percebe nas publicações.

O artigo de 2006, intitulado “No rastro da história da FAE: um inventário dos caminhos da formação docente”, foi definidor para novos movimentos na pesquisa. Foi o único artigo escrito a tantas mãos com o intuito de unir as diferentes vertentes teóricas, trabalhadas na linha de Formação de Professores.

De 2008 até o momento, a produção está voltada para a parceira com orientandos e entre Valeska e eu.

Em 2013, organizamos o V Evento Internacional do Imaginário, com a participação especial do meu orientador do Pós-doc, Prof. Alberto, e um outro colega espanhol, Prof. Garagalza. Daí resultou um dossiê coordenado por mim e Valeska e publicado nos Cadernos de Educação FaE/UFPel (2014).

A seguir, apresento a produção em capítulos de livros.

**1997** - Os dramas do não-aprender: Fracasso, distúrbios ou oscilações cognitivas. In: Anete Abramowicz; Jaqueline Moll. (Org.). **Para além do fracasso escolar**. 1ª ed. São Paulo: Papirus, , v. 01, p. 145-160.

**2001** - Representações sobre ser-professor: constelações de símbolos. In: Tania Maria Esperon Porto. (Org.). **Saberes e linguagens de educação e comunicação**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária - UFPEL, 2001, v. 01, p. 281-290.

## **2006**

Imagens que cohabitam nas aprendizagens de professoras: reflexões para a formação inicial. In: Lúcia Maria Vaz Peres; Tania Maria Esperon Porto. (Org.). **Tecnologias da**

**Educação: tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções.** 1ª ed. São Paulo: Junqueira & Marin editores, 2006, v. 1, p. 165-176.

Em co-autoria com DAMIANI, Magda Floriana. As metáforas como intertexto para a aprendizagem da psicologia na formação continuada de professores em serviço. In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar; GHIGGI, Gomercindo. (Org.). **Programa Especial de formação de professores em serviço da FAE/UFPel: Dez anos de experiências - reflexões práticas.** 1ª ed. Pelotas: Seiva Publicações, v. 1, p. 185-198.

**Os Caminhos e os Desassossegos no Tornar-se Professor** (a). In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de. (Org.). *Narrativas e Saberes Docentes.* 1ª ed. Ijuí: UNIJUÍ, v. 1, p. 49-66.

## 2007

Entre a representação e a verdade: o que é uma "boa escola"?. In: AMARAL, Giana Lange do; AMARAL, Gládis Lange do. (Org.). **Colégio Santa Margarida - Entre a Memória e a História.** 10ª ed. Pelotas: Seiva Publicações, 2007, v. 1, p. 150-157.

Em co-autoria com DAMIANI, Magda Floriana. **Partilhar o alimento: a comensalidade como prática colaborativa no entre-saberes do imaginário e da educação.** In: BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May; MORENO, Leda Virgínia Alves. (Org.). *O sujeito na educação e saúde: desafios na contemporaneidade.* 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola e Centro Universitário São Camilo, 2007, v. 1, p. 357-369.

## 2008

Os muitos modos de ler e pensar: algumas bases teóricas fomentadoras da pesquisa na Formação de professores. In: Elisa Maria Quartiero e Luís Henrique Sommer. (Org.). **Pesquisa, educação e inserção social: olhares da região sul.** 1ª ed. Canoas: Ed. da ULBRA, v. 1, p. 279-290.

**Artes e Ofícios do GEPIEM: dialogar com os processos (auto)formadores à luz das interfaces do imaginário e da memória.** In: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição. (Org.). *Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano,*

*imaginário e memória- coleção pesquisa (auto)biográfica e educação*. 1ª ed. Natal e São Paulo: Editora da UFRN; Editora PAULUS, v. 7, p. 113-126.

**Uma semente viva revitalizando e reconstruindo pessoas: relações ensinantes como subjetividades em movimento.** In: PERES, Eliane; TRAVERSINE, Clarice; EGGERT, Edla; BONIN, Iara. (Org.). *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e cultura*. 1ª ed. Porto Alegre: ediPUCRS, v. 3, p. 376-388.

## 2009

Em co-autoria com BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. **A fotografia como graphias de memórias: das professoras em nós...** In: Márcia Ondina Vieira Ferreira; Beatriz T. Daudt Fischer; Lúcia Maria Vaz Peres. (Org.). *Memórias Docentes: Abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação*. 1ª ed. Brasília e São Leopoldo: Liber Livro Editora Ltda., v. 1, p. 35-50.

**O imaginário como matéria sutil e fluida fermentadora do viver humano.** In: Lúcia Maria Vaz Peres; Edla Eggert; Deonir Luís Kurek. (Org.). *Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras*. 1ª ed. São Leopoldo e Brasília: Liber Livro Editora Ltda., v. 1, p. 103-117.

## 2010

Em co-autoria com TRINDADE, R. B.; WEGNER, B. P. **Alguns Apontamentos de narrativas autoformadoras: imagens e imaginários de aprendizes de Professoras.** In: GAYER, P. J. G; PINTO, M. D. G. G.; PITANO, S.de C. (Org.). *Currículo e Projeto pedagógico. Estágio e Formação Continuada: outros olhares e outras reflexões*. 1ª ed. Pelotas: Ed. e Gráfica da UFPEL, 2010, v. 1, p. 113-126.

Em co-autoria com ASSUNÇÃO, Alexandre Vergínio. **A narrativa de si como mestra do autoconhecimento: leituras a partir do imaginário.** In: Maria Helena Menna Barreto Abrahão. (Org.). *(Auto)biografia e Formação Humana*. 1ª ed. São Paulo; Natal; Porto Alegre: PAULUS; EDUFRN; EDIPUCRS, 2010, v. 8, p. 139-157.

**A escrita da memória autobiográfica: Para que te quero?.** In: SOUZA, Elizeu Clementino de; GALLEGO, Rita de Cassio. (Org.). *Espaços, tempos e gerações:*

*perspectivas (auto) biográficas*. 22<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, v. 1, p. 73-90.

Em co-autoria com JABLONSKI, Annanda Diléia. **Tecendo retalhos de vidas com as linhas das nossas representações**. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; ROSITO, Margaréte May B.; JABLONSKI, Annanada Diléia. (Org.). *Costurando nossas histórias*. 1<sup>a</sup> ed. Pelotas: Edt. Gráfica Universitária da UFPEL, 2010, v. 1, p. 12-33.

## 2011

Em co-autoria com SILVA, Jacira Reis da. **Professores e a escrita sobre a prática: a construção da autoria?**. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; DALLI'GNA Maria Antonieta; SILVA, Jacira Reis da. (Org.). *Escritas de professores: por entre saberes, autorias e poderes*. Pelotas: Ed. Universitária PREC/UFPEL, v. 1, p. 27-44.

**No vai e vem da vida a escrita de si como um processo de (auto)formação**. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; ZANELLA, Andrisa Kemel. (Org.). *Escritas Autobiográficas Educativas: o que dizemos e o que elas dizem?*. Curitiba/PR: CRV, v. 1, p. 65-78.

**2012 - Apontamentos sobre Polarizações Míticos-Simbólicas: Matriciando a escrita (auto) biográfica de estudantes de pós-graduação**. In: Cleuza Maria Sobral Dias; Lúcia Maria Vaz Peres. (Org.). *Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si*. 1<sup>a</sup> ed. Natal/Porto Alegre/Bahia: EDUFRN/EDIPUCRS/EDUNEB, p. 269-299.

## 2014

**A imaginação material de Gaston Bachelard e os quatro elementos como ciclos da vida: um viés de análise através de um filme**. In: ALVES, Fábio Lopes; SCHROEDER Tania Maria Rechia; BARROS, Ana Taís Martins Portanova. (Org.). *Diálogos com o Imaginário*. Curitiba/PR: Editora CRV, v. 1, p. 13-28.

**Narrativas Epistolares como uma abordagem teórico-metodológico: escrita de carta a professores do passado como ressonâncias e repercussões**. In: Helena Amaral de Fontoura; Isabel Alice Oswald Monteiro Lelis; Iduina Mont'Alverne Chaves. (Org.). *Espaços Formativos, Memórias, Narrativas*. Curitiba: Editora CRV, v. 1, p. 173-186.

A seguir passo a listar os livros...

**1996 - Significando o “Não-aprender”.** Pelotas: EDUCAT

**2002 – Organização. Imagens da Infância. A poética da aprendiz de professora** (livro eletrônico), Pelotas: Editora da UFPel.

**2004 – Organização. Imaginário: o entre -saberes do arcaico e do cotidiano.** Pelotas: Editora da UFPel.

**2006 – Organização juntamente com Prof.<sup>a</sup> Tania Maria Esperon PORTO. Tecnologias da Educação: tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções.** Araraquara: Junqueira & Marins.

**2009**

Organização juntamente com Marcia Ondina FERREIRA, Beatriz T. Daudt FISCHER. **Memórias Docentes: Abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação.** São Leopoldo: Ed. Oikós.

Organização juntamente com Edla EGGERT, Deonir Luis KUREK. **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras.** Brasília: Edit. LIBER

**2010**

Organização juntamente com JABLONSKI, Annanda Diléia. **Costurando nossas histórias.** Pelotas: Edt. Gráfica Universitária da UFPEL, 2010, v. 1, p. 12-33.

**2011**

Organização juntamente com Jacira Reis da SILVA, Maria Antonieta DALLIGNA. **Escritas de professores: por entre saberes, autorias e poderes.** Pelotas: Ed. Universitária PREC/UFPEL.

Organização juntamente com Andrisa Kemel ZANELLA, **ESCRITAS AUTOBIOGRÁFICAS EDUCATIVAS: o que dizemos e o que elas dizem?** Curitiba: Editora CRV.

## 2012

Organização juntamente com Cleuza Maria SOBRAL. **Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si - Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais.** Natal/Porto Alegre/Bahia: EDUFRN/EDIPUCRS/EDUNEB.

Organização de uma coletânea com Carolina Corrêa, ROCHEFORT e Junelise Pequeno MARTINO. **O livro inventado: do imaginário à imaginação.** Pelotas: Ed.Universitária.

Organização juntamente com Andrisa Kemel ZANELLA. **O corpo biográfico na educação. Um estudo a partir do imaginário e da memória.** Saarbrücken/ Alemanha: Novas Edições Acadêmicas.

Todos os livros tiveram seu valor e foram importantes no momento em que os publiquei. No entanto, eu ressaltaria o meu primeiro: **Significando o “não-aprender”**, como a minha grande iniciação naquilo que minha colega e amiga Magda chama de “transgressão acadêmica”. Este livro foi o resultado do meu primeiro pensar arriscado e dos meus sonhos de pensar o impensável e poder realizá-lo. A exemplo do que fiz, aproximando Jung e Piaget para problematizar os problemas de aprendizagem.

Lembro muito bem daqueles momentos do meu mestrado, quando, várias vezes, fui adjetivada como excêntrica e mística da academia... O que eu buscava era simples: queria romper com a mesmice da lógica das respostas corriqueiras sobre o porquê das crianças não aprenderem. Acho que consegui!

De algum modo, este primeiro livro foi uma resposta às minhas inquietações decorrentes do início da minha profissão de professora: trabalhar com os diferentes e excluídos do poder-saber, porque “limitados” pelas “fatalidades” da vida – os excepcionais. E, ao entrar na FaE, minha experiência junto à “escolinha”, lugar onde recebíamos as crianças, com histórias de fracassos escolares, na rede regular de ensino. Na “escolinha” elas aprendiam... Aqui foi a gênese da minha questão de pesquisa, levada para o meu mestrado.

Outro livro significativo na minha carreira foi o intitulado **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. Eu o batizei de: o livro da minha maturidade! Por quê? Por reunir uma rede de pesquisadores que tematizavam dois focos de meu interesse: narrativas de (auto)formação e imaginário. Além disso, resultou de uma importante parceria entre UFPel e UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS), através de um projeto financiado pela FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul), chamado “Projeto casadinhos”.

E por último, quero ainda ressaltar a pertinência e a beleza do livro intitulado: **O livro inventado: do imaginário à imaginação**. Emerge de uma prática poética experimentada ao trabalhar com os conceitos do imaginário, a partir de Gaston Bachelard, no que tange ao exercício poético dos conceitos. Foi produto de uma prática coletiva e organizado por mim e mais duas alunas especiais. Foi lançado no último evento do Imaginário, organizado pelo GEPIEM, onde celebramos a experiência de pensar e ousar coletivamente. De acordo com os critérios da CAPES, ele não teve o valor como produção científica, visto que não tinha corpo editorial e tampouco artigos. Tanto que nem o encaminhei para o qualis livros. No entanto, para o coletivo dos alunos que estiveram envolvidos e, sobretudo para mim como professora e pesquisadora da área, foi de suma importância pela expressão e objetivação da teoria preconizada por Bachelard, em ato.

Nestas condições, compreende-se de imediato quão complexos e móveis serão os debates entre uma psicologia do devaneio, apoiada em observações sobre sonhadores, e uma fenomenologia das imagens criantes, fenomenologia que tende a restituir, mesmo num leitor modesto, a ação inovadora da linguagem poética (BACHELARD, 1988, p. 8).

Também destaco o livro organizado por mim e por Andrisa, resultante de uma pesquisa no curso de Pedagogia, no período de 4 anos: **ESCRITAS AUTOBIOGRÁFICAS EDUCATIVAS: o que dizemos e o que elas dizem?** Nele contamos com capítulos escritos por pesquisadores da área e, também, por quatro acadêmicas que foram sujeitos da pesquisa. Teve como foco as “influências matriciadoras” na formação de aprendizes de professoras, no sentido de dar visibilidade às imagens de infância, representações sociais e culturais sobre as questões de aprendizagem, escola, docência e a trajetória de vida de cada acadêmica. Os estudos do

Imaginário inserem-se neste contexto como potencializadores para discutir as expressões das representações e dos saberes assinalados da trajetória educativa.

Igualmente, todas as outras produções em forma de livro foram importantes, mas escolhi estas três por constituírem-se em marcos fundantes da minha trajetória como autora e organizadora de livros.

A seguir, descreverei a produção em eventos, através de resumos e resumos expandidos publicados em anais de congressos, a fim de dar visibilidade à parceria com meus orientandos.

Resumos e resumos expandidos publicados:

Em co-autoria com MARTINS, Irapuã Pacheco. **Tipo Assim Pelotas: a prática de vivências no Ensino do Design inspirado na Cultura e na história pelotenses.** In: IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO E III COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO, 2003, Pelotas. Pelotas: Editora Seiva Publicações e Editora da UFPel, 2004, v. 1, p. 81-82.

Em co-autoria com OLIVEIRA, Talita Garcia de. **Presença de imagens/Mídias no Imaginário Infantil.** In: IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO E III COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO, 2003, Pelotas. IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO E III COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO. Pelotas: Editora Seiva, 2003, v. 1, p. 21-22.

**A poética da infância: imaginários e metamorfoses na aprendiz de professora.** In: LUCES EN EL LABERINTO AUDIOVISUAL - EDU-COMUNICACIÓN EN UN MUNDO GLOGAL, 2003, Huelva. Luces en el laberinto audiovisual - Educomunicación en un mundo glogal. Hulva: Grupo Comunicar Ediciones, 2003, v. 7, p. 291-292.

Em co-autoria com OLIVEIRA, Talita Garcia de. **Imaginário e subjetividade na produção da escrita infantil.** In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REGIÃO SUL, 2004, Pelotas. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REGIÃO SUL. Pelotas: Editora da UCPEL, 2004, v. 1, p. CD-ROM.

Em co-autoria com MARTINS, Irapuã Pacheco. **No cenário da história, a inspiração para criar tipos gráficos: vivências e prática interdisciplinar como estímulo no ensino do design baseado na cultura de Pelotas.** In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REGIÃO SUL, 2004, Pelotas. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REGIÃO SUL. Pelotas: Editora UCPEL, 2004, v. 1, p. cd-rom.

Em co-autoria com YURGEL, Cynthia Luz. **O Ensino da arte como livre expressão.** In: SEMINÁRIO - A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: globalização, Educação e Formação docente, 2004, Pelotas. SEMINÁRIO - A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: globalização, Educação e Formação docente. Pelotas: Editora Seiva Publicações FAE/ UFPel, 2004, v. 1, p. cd-Rom.

**Matriciamentos que atravessam e sustentam nossos saberes científicos: leituras pela via do imaginário.** In: Iº CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 2004, Porto Alegre. Iº CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA. Porto Alegre: PUC RS, 2004, v. 1, p. CD-ROM.

**As mídias e seus efeitos na formação continuada de professores.** In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REGIÃO SUL, 2004, Pelotas. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REGIÃO SUL. Pelotas: Editora da UCPEL, 2004, v. 1, p. CD-ROM.

Em co-autoria com OLIVEIRA, Talita Garcia. **O que as crianças evocam? possíveis leituras das escritas infantis.** In: SEMINÁRIO - A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: globalização, Educação e Formação docente, 2004, Pelotas. SEMINÁRIO - A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: globalização, Educação e Formação docente. Pelotas: Editora Seiva Publicações FAE/ UFPel, 2004, v. 01, p. cd-rom.

Em co-autoria com ROCHA, João Vicente Ribeiro. **Imaginário e avaliação: outros caminhos, novos olhares.** In: VANPED SUL - Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul, 2004, CURITIBA. VANPED SUL - Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul. Curitiba: Editora Pontifícia Católica do Paraná, 2004, v. 1, p. 251-251.

Em co-autoria com LEIVAS, Regina Zauk. **Cinevocação: um olhar sobre educação através de filmes.** In: V ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul, 2004, Curitiba. V ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul. Curitiba: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004, v. 1, p. 111-111.

Em co-autoria com ASSUNÇÃO, Alexandre Vergínio. **Por um método sensível: uma proposta para o ensino de design industrial no CEFET/RS.** In: V ANPED SUL - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2004, Curitiba. V ANPED SUL - **Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul. Curitiba:** Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004, v. 1, p. 355-355.

Em co-autoria com NOGUEIRA, Isabel Porto. **A formação da identidade do cantor erudito: um estudo de caso.** In: V ANPED SUL - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2004, CURITIBA. V ANPED SUL - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. CURITIBA: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004, v. 1, p. 396-396.

**La televisión y las profesoras: relato de prácticas en clase de niños de 7 hasta 11 años.** In: CONGRESO HISPANOLUSO DE COMUNICACIÓN Y EDUCACIÓN, 2005, Huelva (España). COMUNICAR Revista Científic Iberoamericana de Comunicación y Educación. Huelva (España): Grupo Comunicar, 2005, v. 01, p. 360-361.

Em co-autoria com MARTINS, Irapuã Pacheco. **Imaginário e Cotidiano escolar: contribuições do design gráfico para a formação do professor de séries iniciais.** In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO - A educação nas fronteiras do humano, 2005, São Leopoldo. UNIrevista. São Leopoldo: Edit da UNISINOS, 2005, v. 1, p. 1-1.

Em co-autoria com SILVEIRA, Raquel Moreira; MEDEIROS, Rita . **Os fomentos do imaginário de meninas-mulheres-negras: pronunciamento de saberes.** In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO - A educação nas fronteiras do

humano, 2005, São Leopoldo. UNIrevista. São Leopoldo: Edit. da UNISINOS, 2005, v. 1, p. 1-8.

Em co-autoria com PIEGAZ, Aceves Moreno Flores. **Encenando no palco invisível: uma prática reflexiva na formação de professores.** In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO - A educação nas fronteiras do humano, 2005, São Leopoldo. UNIrevista. São Leopoldo: Edit. da UNISINOS, 2005, v. 1, p. 1-8.

Em co-autoria com PEREIRA, Lélia Florisbal; VILELA, Cibeli de Oliveira. **Imaginário e Representações: Desenhos que falam... crianças que narram em um lar assistencial de Pelotas..** In: V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO IV COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO: AS MÚLTIPLAS FACES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO, 2006, PELOTAS. V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO IV COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO: AS MÚLTIPLAS FACES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO. Pelotas: Seiva Publicações, 2006, v. 1, p. 1-8.

Em co-autoria com BANDEIRA, Ana da Rosa. **Caminhando para si: alguns dos tijolos que compõem a estrada da auto-formação.** In: AS MÚLTIPLAS FACES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO - V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO - IV COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO, 2006, PELOTAS. AS MÚLTIPLAS FACES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO - V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO - IV COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO. Pelotas: Seiva Publicações, 2006, v. 1, p. 1-5.

Em co-autoria com MARTINS, Irapuã Pacheco. **Outras formas de ensinar design: Teorias que iluminam.** In: VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul e III SEMINÁRIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2006, Santa Maria. VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul e III SEMINÁRIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO SUL. Santa Maria: ED. UFSM, 2006, v. 1, p. 16-19.

Em co-autoria com BANDEIRA, Ana da Rosa. **Era uma vez o imaginário: os livros infantis e as imagens que suscitam.** In: VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul e III SEMINÁRIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2006, Santa Maria. VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul e III SEMINÁRIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO SUL. Santa Maria: ED. UFSM, 2006, v. 1, p. 13-16.

Em co-autoria com KUREK, Deonir Luís. **Concepções, imaginários e representações do conhecimento: espelhamentos nas práticas pedagógicas.** In: V ENCUENTRO NACIONAL Y II LATINOAMERICANO LA UNIVERSIDAD COMO OBJETO DE INVESTIGACION, 2007, TANDIL. V ENCUENTRO NACIONAL Y II LATINOAMERICANO LA UNIVERSIDAD COMO OBJETO DE INVESTIGACION. Tandil Argentina: FCH, 2007, v. 1, p. 1-13.

Em co-autoria com WILDT, A. P. A. **Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi: canções que remetem a recordações-referências nas trajetórias de alunas em formação docente inicial.** In: III CIPA - CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2008, Natal. Anais do III CIPA. Natal: EDUFRN/PAULUS. Natal/ São Paulo: EDUFRN/PAULUS, 2008, v. 1, p. 1-3.

Em co-autoria com KIESOW, Claudine Neitzke. **Imaginário, educação e memória: representação das matrizes dos processos formadores da FAE/UFPEL.** In: XX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPEL, 2011, PELOTAS. XX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UFPEL. PELOTAS: Editora e Gráfica da UFPEL, 2011, v. 1, p. 1-8.

Em co-autoria com QUINTANA, Larissa Radmann. **Imaginários e memórias: motores da criação da faculdade de educação da UFPEL.** In: XX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPEL, 2011, PELOTAS. XX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Pelotas: UFPEL, 2011, v. 1, p. 1-8.

Em co-autoria com ZANELLA, Andrisa Kemel. **Le corps biographique des étudiants du cours de pédagogie: nouvelles possibilités de penser la formation humain de professeur.** In: COLLOQUE INTERNATIONAL LA RECHERCHE BIOGRAPHIQUE AUJOURD HUI: ENJEUX ET PERSPECTIVES, 2011, Lille-França.. Editora da Université Lille Nord-de-France, 2011, v. 1, p. 1-14.

Os trabalhos completos publicados em anais de congressos foram os seguintes:

**Imagens da infância: metáforas e metamorfoses do aprendiz de professor.** In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: DEBATES E UTOPIAS, 2000, São Leopoldo. Anais do evento -. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2000, v. 1, p. 22-23.

**Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica.** In: III SEMINÁRIO PESQUISA EM EDUCAÇÃO REGIÃO SUL, 2000, Porto Alegre. ANAIS DO III SEMINÁRIO PESQUISA EM EDUCAÇÃO REGIÃO SUL. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

Em co-autoria com SILVA, Juremir Machado da; SANTOS, Marcos Ferreira. **Educação e Razão Sensível na Paisagem escolar.** In: III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE SURDOS, 2004, Rio de Janeiro. SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE SURDOS: Múltiplas faces do cotidiano escolar. Rio de Janeiro: INES Divisão de Estudos e Pesquisas, 2004, v. 1, p. 207-223.

**A Prática Simbólica como mediadora das diferenças no processo de apropriação do conhecimento.** In: III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE SURDOS, 2004, Rio de Janeiro. EDUCAÇÃO DE SURDOS: Múltiplas faces do cotidiano escolar. Rio de Janeiro: INES-Divisão de Estudos e Pesquisas, 2004, v. 1, p. 115-122.

**O professor e as mídias: uma relação intrínseca na formação continuada.** In: II CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO IMAGEM E PEDAGOGIA, 2004, Santiago de Querétaro. Imagem y Pedagogia. Santiago de Querétaro: Governo do Estado de Querétaro, 2004, v. 1, p. 20-26.

**Na trilha de imagens/marcas/saberes fundantes da formação docente: imaginários e representações de aprendizes de professoras de séries iniciais.** In: IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO E III COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO, 2004, Pelotas. TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO: IMAGINÁRIO, CORPOREIDADE E EMOÇÕES. Pelotas: Editora Seiva Publicações e FAE/UFPEL, 2004, v. 1, p. 5-12.

**Imagens lembrança de professoras: das intimações primeiras aos saberes professorais.** In: V ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul, 2004, Curitiba. V ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul, Pesquisa em Educação e compromisso Social. Curitiba: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004, v. 1, p. 1-10.

Em co-autoria com SILVA, Jacira Reis da. **O imaginário de mulheres negras silenciadas: um universo de símbolos e sentidos.** In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO - A educação nas fronteiras do humano, 2005, São Leopoldo. UNirevista. São Leopoldo: Edit. da UNISINOS, 2005, v. 1, p. 1-15.

Em co-autoria com VASCONCELOS, Luis Kawall. **Reflexões iniciais sobre a designação de Professor Padrinho.** In: V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO - IV COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO--AS MÚLTIPLAS FACES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO, 2006, PELOTAS. V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO - IV COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO--AS MÚLTIPLAS FACES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO. Pelotas: Seiva Publicações, 2006, v. 1, p. 1-13.

Em co-autoria com KUREK, Deonir Luís. **Fora da casinha: Uma possibilidade de entendimento sobre a dor refletindo sobre a força simbólica da casa.** In: V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO; IV COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO: AS MÚLTIPLAS FACES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO, 2006, PELOTAS. V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO; IV COLÓQUIO SOBRE IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO: AS MÚLTIPLAS FACES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO. Pelotas: Seiva Publicações, 2006, v. 1, p. 1-8.

**(Auto)biografias aprendentes: problematizações na formação de docentes e pesquisadores.** In: II CIPA - CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA - Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si, 2006, Salvador. Anais do II CIPA - CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICO. Salvador /Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2006, v. 1, p. 1-16.

**O temporal (pessoal) e o atemporal (arquetipológico) fomentando a prática da docência e da pesquisa em educação.** In: VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul e III SEMINÁRIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2006, Santa Maria. VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul e III SEMINÁRIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO SUL. Santa Maria: Ed. UFSM, 2006, v. 1, p. 1-13.

Em co-autoria com OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de; KUREK, Deonir Luís. **TERRITÓRIOS DO IMAGINÁRIO: reservas de entusiasmo e possibilidades nas pesquisas com formação de professores.** In: VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul e III SEMINÁRIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2006, Santa Maria. VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul e III SEMINÁRIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO SUL. Edit. de Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006, v. 1, p. 1-13.

**Narrativas na formação inicial de professoras: presentificação de saberes.** In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE, 2006, Recife. XIII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE, 2006, v. 1, p. 23-37.

Em co-autoria com KUREK, Deonir Luís. **“Na educação precisamos de prazer e criatividade!”: narrativas e representações de saberes e fazeres de professores do ensino médio..** In: LASA 2007 XXVII INTERNATIONAL CONGRESS, 2007, Montréal. LASA 2007 XXVII INTERNATIONAL CONGRESS. Montréal, 2007, v. 1, p. 1-14.

Em co-autoria com WILDT, A. P. A. **As recordações-referências subsumidas nas canções: um estudo a partir de narrativas autobiográficas de alunas em formação docente inicial.** In: XIV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008, Porto Alegre. Anais do XIV ENDIPE. Porto Alegre: ediPUCRS, 2008, v. 1, p. 1-6.

**Narrativas como uma tecedura das imagens (auto) formadoras: matriciamentos em movimento.** In: XIV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008, Porto Alegre. Anais do XIV ENDIPE. Porto Alegre: ediPUCRS, 2008, v. 1, p. 1-13.

**Uma semente viva revitalizando e reconstruindo pessoas: relações ensinantes como subjetividades em movimento.** In: XIV ENDIPE: TRAJETÓRIAS E PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER: LUGARES, MEMÓRIAS E CULTURAS, 2008, Porto Alegre. O XIV ENDIPE - TRAJETÓRIAS E PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER: sujeitos, currículos e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, v. 3, p. 376-388.

Em co-autoria com TRINDADE, R. B. **Alguns apontamentos de narrativas autoformadoras: imagens e imaginários das aprendizes de professora.** In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: SUJEITOS (DES)CONECTADOS?, 2009, São Leopoldo. VI, v. 1, p. 1-12.

Em co-autoria com ZANELLA, Andrisa Kemel. **Cirandas e encontros de saberes: outra modalidade de pensar a educação e (auto) formação.** In: VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL - ANPED SUL 2010, 2010, LONDRINA - PR. VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL - ANPED SUL, 2010, Londrina - Paraná. VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL - ANPED SUL 2010, 2010, LONDRINA - PR. VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL - ANPED SUL. Londrina: <http://www.anpedsul.com.br/anais.php>, 2010, v. 1, p. 1-15.

**Narrativas de si como *passer* de sentido protagonizando a formação humana de professores.** In: 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2010, CAXAMBU - MG. 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED - GT 08 (Formação de Professores). Rio de Janeiro - RJ: Publicação online: site da ANPED, 2010, v. 1, p. 1-15.

**As tensões do projeto autoformativo nas intimações do imaginário: predestinações (na vida e na docência) do humano.** In: XV ENDIPE CONVERGÊNCIAS E TENSÕES NO CAMPO DA FORMAÇÃO E DO TRABALHO DOCENTE: POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS, 2010, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010, v. 1, p. 1-14.

Em co-autoria com MARTINS, Irapuã Pacheco. **BIOGRAFIA EDUCATIVA E IMAGINÁRIO: o mítico e o simbólico na constituição do modo de ser docente de uma professora do ensino superior.** In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, IMAGINÁRIO, MITANÁLISE E UTOPIA, 2013, NITERÓI. V COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, IMAGINÁRIO, MITANÁLISE E UTOPIA. NITERÓI: UFF - Niterói, 2013, v. 1, p. 1-14.

Em co-autoria com LINDNER, Luciana Martins Teixeira. **Ritos de passagem: de acadêmico a docente, o sentido da docência se constituindo.** In: X ANPED SUL, 2014, Florianópolis. X ANPED SUL. Florianópolis: UDESC Santa Catarina, 2014, v. 1, p. 1-13.

Em co-autoria com ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escrituras do Corpo biográfico: um estudo a partir do imaginário e da memória.** In: VI CIPA - CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2014, Rio de Janeiro. VI CIPA - CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA. Rio de Janeiro: UERJ, 2014, v. 1, p. 1-13.

A seguir, elencarei os projetos de pesquisa e de extensão realizados e em andamento.

Projetos de pesquisa realizados

**2014 - Atual** ESCRITA DE CARTAS AOS PROFESSORES QUE MARCARAM: memórias e imaginários ressonantes como fermentos de (auto)formação?

**2009 - 2013** IMAGINÁRIO, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA: inventariando e (auto)biografando trajetórias do vivido numa Faculdade de Educação

**2006 - 2010** Garimpando Imagens, Memórias, Representações E Arquétipos nas trajetórias e (auto)biografias de alunas em formação inicial do curso de pedagogia da UFPEL: um estudo longitudinal (2006/2009)

**2006 - 2008** Trajetórias, Saberes e Formação dos professores do Ensino Médio: concepções de conhecimento, representações e repercussões nas práticas pedagógicas

**2005 – 2007** Imaginário e educação: crianças desenhando as representações sobre a vida e seu entorno

**2004 - 2005** O simbolismo implícito na aquisição e desenvolvimento da escrita de crianças de séries iniciais

**2004 - 2005** Mapeando os "efeitos" das imagens no imaginário de professores em serviço: trilhando os saberes pessoais de uma pedagogia simbólica

**2001 - 2002** Metáforas e metamorfoses no imaginário da aprendiz de professora: imagens da infância de alunas do curso de Pedagogia

Em andamento:

Desde 2014, **ESCRITA DE CARTAS AOS PROFESSORES QUE MARCARAM:** memórias e imaginários ressonantes como fermentos de (auto)formação? Em parceria com duas instituições: IFSUL Rio-grandense; UERGS São Luiz Gonzaga.

Iniciando neste ano de 2016 - **AS IMAGENS DO CORPO NAS REPRESENTAÇÕES DE FUTUROS PROFESSORES:** ressonâncias do imaginário, em parceria com a colega Andrisa Kemel Zanella do Centro de Artes – CEARTE/UFPEL.

Projetos de Extensão - Como coordenadora:

**2013 – 2014** O cine imaginário como uma linguagem fomentadora da (auto)formação humana na escola

**2012-2012** I Colóquio Internacional sobre Imaginário, Educação e (Auto)biografias; V Colóquio sobre imaginário e educação: razões imaginantes nas hermenêuticas do vivido.

**2010 – 2010** III Ciclo de Estudos sobre processos autoformadores: reconstruindo e **ressignificando trajetos formativos da aprendiz de professora**

**2010 – 2010** A vida como escrita e leitura - interfaces entre arte e imaginário

**2009 – 2009** Cirandas do Imaginário

**2007 – 2007** Narrativas... Imagens - Lembranças das aprendizes de professora.

Como corpo docente:

**2016 – Atual** Qualificação das práticas pedagógicas de professores das redes públicas de educação básica da região sul do Rio Grande do Sul: re-inventando o poder escolar.

**2016 – Atual** Estudos avançados para ingresso em programa de pós-graduação *stricto sensu*

**2010 – 2010** I Semana Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação.

**2009- 2009** Contadores de Histórias: catadores e contra-dores.

**2008 – 2008** 8º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

**2007- 2007** 7º Encontro sobre o Poder Escolar

Participar das edições do **Poder Escolar** foi um “plus” na minha carreira, tanto no que se refere à organização quanto à participação. Este é um evento, na categoria de extensão, que merece uma atenção especial, também por parte da UFPel, pois se caracteriza num diferencial, desde sua organização até sua realização. Tem origem em

2001 e se caracteriza como uma formação continuada de professores, numa perspectiva diferente, até os dias atuais.

A seguir, passarei a elencar o número dessas participações em eventos: resumos e resumos expandidos e trabalhos completos publicados nos anais destes, devidamente elencados em meu *lattes*. Foram 60 eventos, 48 resumos e resumos expandidos e 25 trabalhos publicados em anais de eventos.

Outra produção refere-se aos 03 prefácios feitos, 02 textos em jornais de notícias/revistas (que poderão constatar no currículo *lattes*), mais apresentação de obras organizadas por mim em parceria, as quais não enumerarei em função de que já as incluí na organização de livros.

Ao longo desses anos, organizei eventos do meu grupo de pesquisa e, também, em parceria com o GEPEIS (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário Social e Educação); fui co-organizadora de muitos deles, juntamente com prof.<sup>a</sup> Valeska Maria Fortes de Oliveira.

Assim, justifico o título deste subcapítulo: **Minhas produções... nunca fui excelência, mas sempre dei o melhor de mim**. Isso porque ainda cabe dizer: fiz três tentativas para obter bolsa de produtividade científica, onde, em duas delas, obtive o mérito, mas nunca a bolsa. Resolvi desistir, por várias razões, mas a principal foi perder o desejo de investir nesse lugar.

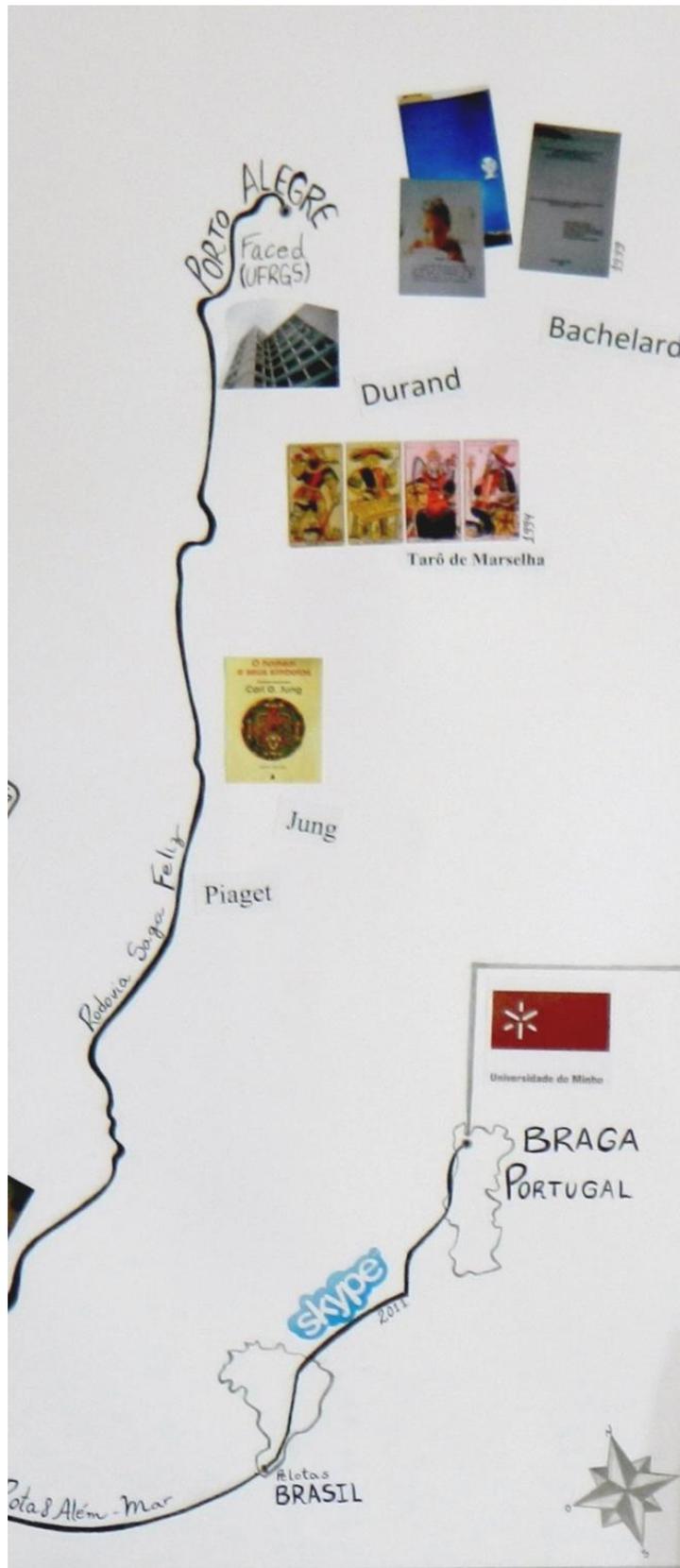


FIG. 6 – Desenho: Rotas de uma saga feliz (Fragmento), de Lislaine Cansi.

Fonte: Lislaine Cansi.

## PARTE III

NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA QUE SE TORNOU GESTORA

## 1. Como coordenadora do Colegiado do Curso de Pedagogia

Logo após a conclusão do meu doutorado, em 1999, retorno ao trabalho da unidade e, além de ingressar no Programa de Pós-graduação (conf. já disse), fui eleita para ser coordenadora do Colegiado do Curso de Pedagogia. Grande desafio me aguardava! Enquanto estive, parcialmente, fora para meu doutoramento, um grupo de professores estudava e sistematizava ideias para a mudança curricular do curso, coordenado pelo Prof. Lino Hack. Coube a mim a implantação e implementação dessa mudança curricular, a qual previa uma quebra paradigmática importante: o ensino disciplinar cedeu lugar a grandes blocos temáticos; professores de departamentos e áreas diferentes trabalhavam juntos; havia um eixo norteador em cada semestre e os blocos temáticos se repetiam e se aprofundavam em número e em especificidade. O conhecimento disciplinar acontecia norteador, por um lado, pelos eixos norteadores, por outro, pela inter-relação entre diferentes áreas e pontos de vista. Por exemplo, no 1º semestre do curso, o eixo norteador refere-se ao **resgate da trajetória educativa** e um dos blocos temáticos (do qual venho sendo responsável) – Práticas Educativas I - trata da relação entre a memória da formação dos primeiros anos escolares com um conhecimento sumário sobre o papel da psicologia e suas correntes epistemológicas para pensar o ensino e a aprendizagem. Ao implantarmos o curso, Filosofia e Psicologia eram as disciplinas envolvidas, trabalhando o processo de modo interdisciplinar, por dois professores.

O que importa dizer, neste momento, é que de repente (como no fato da “escolinha”) me vi coordenadora do curso com esta nova configuração. Momentos de muitos debates e desafios que, não raras vezes, me tiravam o sono e que compreendeu o período da metade 1999 a 2002.

A Faculdade de Educação nunca foi um lugar tranquilo! Temos uma história de protagonismo, por um pensamento de esquerda e muita competência por metro quadrado. Isso é bom, mas também, por vezes, torna-se uma armadilha para nós mesmos, pois gravitam muitas teses, sobre um mesmo tema, dificultando a tomada de decisões. Paradoxalmente, inovações sempre foram muito discutidas e, por conseguinte, nem sempre bem aceitas. Mesmo que acordos pedagógicos fossem feitos (e sempre os fizemos, inclusive usando o voto para decidir), quaisquer mudanças e, em especial nesse

caso, não eram fáceis de gestar. Foram 3 longos anos de muitas idas, vindas e revisões para a implementação do referido currículo.

Achava que já sabia ser professora... mas, de repente, ser coordenadora de um curso e, ainda mais, implantando um novo currículo, pareceu-me um grande desafio. E foi! Como gestora, à frente desse colegiado, aprendi a lidar com os primeiros paradoxos e idiossincrasias dos professores que trabalhavam junto ao curso. Diria que para mim foi o primeiro choque perceptivo que experimentei frente ao que pensávamos ser como grupo. Alguns colaboravam propositivamente para melhorarmos e avançarmos rumo à implementação, outros nem tanto. Resumidamente, fiquei com o sentimento de que não conseguimos avançar mais, em função de que tínhamos muitas dificuldades de sair dos hábitos instituídos rumo aos instituintes. Em especial, no que se refere a trabalhar junto com outro colega de área diferente, ao mesmo tempo. Ou seja, mesmo questionando várias coisas sobre o curso (e esse é um movimento sempre inacabado, felizmente), pareceu-me que a maior dificuldade foi, efetivamente, fazer a ruptura epistemológica proposta na gênese do novo currículo: não mais trabalhar com a perspectiva disciplinar, mas com a ideia de blocos temáticos, atrelados às ementas e ao eixo norteador do semestre. Ambos incorporariam as disciplinas específicas, sem reduzir-se a elas.

Meu grande alento foi a efetiva colaboração de colegas que, juntamente comigo e a grande secretária da época – Marta Aleixo –, foram contornando os limites naturais de todo processo de mudança. Eu me mantinha segura, em meio a muitas inseguranças, graças a esse apoio. Marta era impecável! Naquele tempo vivíamos uma fase menos conturbada em relação à falta de funcionários e condições de trabalho

Por fim, posso dizer, esses três anos foram uma espécie de depuração dos meus afetos nutridos, desde meu ingresso. Ou seja, tive de corrigir em mim representações sobre o coletivo da FaE e sublimar outras para continuar... Mas cresci muito como profissional, nas infinitas reuniões com alunos e professores.

Muitas perguntas gravitavam acerca da finalidade do saber-científico e sobre o melhor currículo para formar professores. Lembro de me ancorar muito em Boaventura de Sousa Santos, na sua obra **Um discurso sobre as ciências**, quando refletia, a partir de Rousseau, sobre a importância de voltarmos às coisas simples, e exercitar as perguntas mais do que buscar respostas.

... sujeitos individuais e colectivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas o que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e

falso (...) acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático de nossas vidas (...) As condições epistêmicas das nossas perguntas estão inscritas no avesso dos conceitos que utilizamos para lhes dar resposta. (1987, p. 8-9)

A partir de Boaventura, fica a reflexão de que talvez tivéssemos de ter exercitado mais a ousadia do perguntar, experimentando o avesso dos conceitos que utilizamos para tentar encontrar a melhor resposta.

E assim, fomos fazendo, reformulando e refazendo sempre com novas perguntas e alguns ensaios para uma melhor proposta para a formação no Curso de Pedagogia.

## **2. Como coordenadora adjunta da Pós-graduação e como *pró-tempore***

De 2003 a 2004, fui coordenadora adjunta, juntamente com a Prof.<sup>a</sup> Maria Manuela Alves Garcia, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Logo que assumimos, instituímos, em acordo com o colegiado, o sistema de credenciamento e credenciamento para participar do PPGE, que teve sua primeira turma de doutorado em 2004.

De 2005 a 2006, fiquei o ano todo como *pró-tempore*, em função da saída da prof.<sup>a</sup> Manuela, com a ajuda efetiva dos professores Jarbas S. Vieira e Gomercindo Ghiggi, que, em 2007, se torna coordenador. Momento em que assumo, novamente, como coordenadora adjunta, com o professor Gomercindo Ghiggi (2007/2010) e com o apoio das professoras Eliane Teresinha Peres e Marcia Ondina Ferreira. Nesta gestão, instituímos uma coordenação colegiada, através dos coordenadores das linhas do PPGE. Sendo assim, as quatro linhas estavam representadas. Foi um momento de grandes aprendizagens sobre gestão em parceria, mas não sem turbulências próprias.

O ponto alto desse novo momento foi essa gestão coletiva e os nossos acordos e debates. Nos reuníamos, todas as semanas, para pensar e instituir expedientes para o PPGE e, no momento oportuno, levávamos ao colegiado.

Minha defesa é que pudéssemos dar continuidade a estas formas de gestão, onde as pessoas estariam envolvidas e comprometidas.

## **3. Como Diretora da FaE**

Em 2012, eu retornava do meu pós-doc com o firme propósito de pagar meu tempo de licença e me aposentar, ficando somente no PPGE. O diretor a época, prof. Mauro Del Pino, já começava a campanha como candidato a reitor da UFPel. Neste ínterim, dois colegas me procuraram dizendo que agora seria a minha hora de assumir a direção da FaE. De pronto, neguei, dizendo que as pessoas como eu desejariam compor ou estavam aposentadas ou não queriam compor comigo.

A bem da verdade, a direção fora um projeto meu, em tempos idos... Éramos um grupo menor e mais coeso; nosso trabalho não era tão intenso como nos dias atuais e, sobretudo, tínhamos mais utopias. Diante desse quadro, fui naturalmente me desestimulando, mas por certo os dois colegas plantaram-me uma dúvida e comecei a repensar a negativa de me candidatar à direção da FaE. Voltei a conversar com eles, um em especial, alegando que teríamos de pensar um nome, para compor comigo, um ponto de equilíbrio para meu jeito de ser. Além disso, deveria ter alguma história de engajamento junto à unidade. Foi então que surgiu o nome da Prof.<sup>a</sup> Ligia Cardoso Carlos. Logo pensei, ela não iria aceitar o convite, mas para minha surpresa e imediato comprometimento, aceitou e estamos juntas até o momento.

A parceria tem sido extremamente ensinante: Ligia calma e ponderada nas suas colocações, eu extrovertida e rápida, com grande necessidade de deixar as coisas claras, sou balanceada com o *modus operandi* ligiano de ser, frente às muitas decisões.

Assumimos a FaE em agosto de 2013, e concluiremos o mandato no próximo mês de agosto de 2016. Nosso intuito tem sido criar expedientes de trabalho, os mais transparentes possíveis, com critérios estabelecidos, a partir de acordos em reuniões gerais ou no Conselho Departamental. Minha avaliação é que vimos conseguindo, mesmo em meio a algumas turbulências, decorrentes de toda gestão. Penso que, em parte, reestabelecemos o coletivo da unidade, com firmeza e visibilidade.

Outro projeto que é muito caro à nossa gestão, foi revisitar as memórias ensinantes que nos produziram, fazendo-nos evocadores dos bons e fecundos aprendizados; evocamos imagens felizes na esfera das micropolíticas, das relações e das representações sobre o que pensamos, o que vimos sendo e o que de fato queremos ser. Sabemos que a Faculdade de Educação, desde sua gênese, foi de vanguarda, mesmo que hoje estejamos um pouco mais adormecidos, em relação a isso.

Recebemos um legado que esta unidade construiu desde a sua criação, no dia 25 de junho de 1976, o qual vimos tentando alimentar após dez gestões, sendo a primeira

*pró-tempore*, de 1976 a 1978, o qual pode ser expresso na seguinte frase: unidade na diversidade com compromisso social.

Nesse quadro, tornar-me diretora da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, por certo foi um dos grandes momentos da minha vida. Li este acontecimento como um meio de reverberação do trabalho aqui desenvolvido e de tudo que venho apreendendo nestes 22 anos<sup>18</sup>. A FAE, e tudo o que aqui circulou nestes 40 anos de existência, sempre me foi muito cara!

Desde meus tempos de estudante da UCPel, de algum modo, estive imersa no projeto formativo desenvolvido nesta unidade. Formalmente, como aluna da especialização, comecei a aprender sobre a complexidade da Educação como um ato político, não necessariamente partidário.

Como diretora, enfrentamos os limites inerentes a qualquer gestão, mas sustentamos o desafio de trabalhar com as diferenças, acreditando ser possível alargar as fronteiras através do diálogo, dos acordos e, sobretudo, de seus encaminhamentos, assumidos singular e coletivamente. Assim o fizemos, pois apostamos nas velhas receitas que a história dos protagonistas da FaE nos legaram, com novas roupagens, neste tempo de reinvenções de nós mesmos, como pessoas em relação.

Nunca fizemos promessas, nem tampouco plantamos expectativas, mas fomos firmes para enfrentar os desafios que sobre nós caíram com o máximo de transparência para conhecimento do coletivo da unidade.

Uma das coisas mais belas e formadoras, no decurso destes quase 4 anos, foi o exercício de uma diretora de mãos dadas com sua vice e apoiada por muitos colegas que de imediato prontificaram-se em ajudar. Gostaria de destacar algumas pessoas que, mesmo não sendo do Conselho Departamental, se fizeram presentes. Professora Maria De Fátima Cóssio que, logo nos primeiros meses, se dispôs a nos ajudar a pensar o Projeto Político Pedagógico da Faculdade que desde 1993 estava desatualizado. Após veio a professora Conceição Paludo e logo a professora Valdelaine da Rosa Mendes. Estas colegas foram fundamentais, exercendo na prática o trabalho colaborativo e o compromisso social e político em prol da unidade que tem, da sua gênese, a ideia de um coletivo como força propulsora para uma ação pedagógica comprometida. Por isso, sou grata a esta experiência juntamente com Ligia.

---

<sup>18</sup> Quando assumi a direção perfazia 22 anos de trabalho na unidade.

O que mais dizer? Talvez Caetano Veloso represente na sua música “Vaca Profana”, o que desejo expressar, ao cantar:

*Respeito muito minhas lágrimas  
Mas ainda mais minha risada  
Ouscrevo, assim, minhas palavras  
Na voz de uma mulher sagrada [...]  
Mas eu também sei ser careta  
De perto, ninguém é normal  
Às vezes, segue em linha reta  
A vida, que é "meu bem, meu mal".*

Para Josso (2004), formar-se é “integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros” (p. 39). E, fazendo uma paráfrase de Caetano Veloso... uma aprendizagem como gestora nem sempre é traçada em linha reta, mas permeada pelo melhor e pelo pior de nós, pelo "meu bem, meu mal". Nela colocamos registros em evidência, a partir das intimações das nossas histórias de vida, uma vez que tal construção se constitui como um recurso importante para evocar as “recordações-referências” (JOSSO, op. cit.) que podem espelhar o que se aprendeu com a própria vida. Em outras palavras, ao narrar este meu processo referente ao tempo que estive como gestora de uma unidade tão cara a mim, sou obrigada, também, a fazer um balanço contábil do que fiz nos dias, nos meses e nos anos em que lá estive à frente. E o que aprendi?

Aprendi a ser mais tolerante, a lidar com minhas impossibilidades e, também, com as críticas. Prof. Elomar sempre me dizia: “tens de saber ouvir sem tomar para ti”. Ainda preciso aprimorar essa aprendizagem... Uma das riquezas de ter sido diretora por 4 anos, foi apostar nas diferenças para uma interlocução e uma construção de algo maior. No caso, a Faculdade de Educação!

Sem dúvida, o que esteve em cheque, o tempo todo, foi a própria experiência (sempre se fazendo). Muito me questionei acerca das escolhas, das dinâmicas, dos meus saberes e também das faltas. Aprendi, enfim, a valorizar a existencialidade. Foi um embate constante entre o que penso que fui e o que deveria me tornar, para questionar o presente. Penso que estes processos me levaram a reorientar meus atos.

Como diz Josso (2004), a formação é sempre experiencial, do contrário não é formação, pois implica num trabalho reflexivo sobre o que se passou, como foi observado, percebido e sentido pelo sujeito, articulando aqui atividade, sensibilidade,

afetividade e imaginação. Daí a formação ser compreendida como a procura de uma arte de viver em ligação e partilha, que se desenvolve em torno de quatro eixos: a busca da felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento ou do “real” e a busca de sentido.

Por fim, ser diretora da FaE foi, sem dúvida, um dos maiores desafios da minha carreira. Algo que nunca tive o desejo de repetir... O que fica são as reflexões e as aprendizagens que daí advieram e que reverberarão por muitos e muitos anos.



FIG. 7 – Desenho: Feitos bem-feitos! (Fragmento), de Lislaine Cansi.

Fonte: Lislaine Cansi.

## PARTE IV

### O QUE APRENDI COMO PESSOA E PROFISSIONAL

## 1. Escrevo sobre como penso que me tornei, a partir das ressonâncias das pessoas que compuseram esta trajetória

Ao fazer este memorial descritivo, anco-ro-me naturalmente nos meus estudos sobre pesquisa-formação e narrativas autobiográficas, os quais me levam, naturalmente, a pensar que a existência humana tem sentido quando produzimos significados sobre o ambiente que nos rodeia, o que experimentamos e o que fica como matéria ensinante. Um ambiente repleto de redes visíveis e invisíveis, prenhe de simbolismos atemporais, fazendo de nós um sistema belamente complexo. Estamos imersos e atados a redes que matriciaram nosso existir até o momento.

Este memorial foi, sem dúvida, uma tentativa de tradução de mim mesma em meio às coisas que vivi e fiz. Sendo assim, me inspiro no poeta Ferreira Gullar, em seu poema “Traduzir-se”, para tentar dizer-me no não dizível

Uma parte de mim  
é todo mundo;  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.

Uma parte de mim  
é multidão:  
outra parte estranheza  
e solidão.

Uma parte de mim  
pesa, pondera;  
outra parte  
delira.

Uma parte de mim  
almoça e janta;  
outra parte  
se espanta.

Uma parte de mim  
é permanente;  
outra parte  
se sabe de repente.

Uma parte de mim  
é só vertigem;  
outra parte,  
linguagem.  
Traduzir-se uma parte  
na outra parte  
— que é uma questão

de vida ou morte —  
será arte?

Penso que me tornei um leque de adjetivos, com palimpsestos do que eu escrevi em mim mesma, a partir de muitas escritas dos outros em mim. E, assim, fui assimilando e compondo as muitas possibilidades de ir sendo numa espécie de misturas mais ou menos homogêneas e, por vezes, totalmente disformes. Traduzir-me frente a tantas porções misturadas que me constituem é mesmo uma tarefa quase impossível.

De acordo com outra estudiosa sobre as Histórias de Vida, Christine Delory-Momberger, compreender o humano, a partir de uma Ciência Humana, requer que se construa fundamentado na autorreflexão e na autointerpretação. Segundo ela, “o homem aqui é o historiador ou o pesquisador, é capaz de realizar sobre si mesmo a partir de sua própria experiência de vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 57). O tempo passado está, a cada momento, sendo revisitado por interpretações retrospectivas. “A forma da vida que construímos (nossa biografia) está submetida a uma perpétua reconfiguração” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 58).

Para compor minha autorreflexão e autointerpretação, optei por chamar algumas pessoas que estiveram em alguns momentos significativos ao longo destes 26 anos. Lancei o seguinte e-mail para ex-alunos e orientandos e, também, parceiros de trabalho de longa data:

Boa noite queridas pessoas!  
Como sabem, estou escrevendo meu memorial de passagem para titular. Em uma das partes do texto, tratarei de narrar sobre como penso que me tornei, inspirada na teoria de Josso. Pensei que uma coisa legal, à luz do que ela preconiza, seria compor minha narrativa com colegas e alunos que me acompanharam por um bom tempo. Por isso, escolhi vocês, em função da longa história que juntos construímos. Bastaria escrever uns 2 parágrafos sobre a percepção que têm da minha trajetória na FaE.

Somente duas pessoas não retornaram, mas o que recebi foram verdadeiras pérolas de um leque de adjetivos, sobre como eles percebem o meu processo, que de algum modo compõe o que chamo das muitas escritas dos outros em mim. Vou começar por uma das primeiras bolsistas de iniciação científica, que respondeu à minha demanda e, a seguir, passarei aos ex-orientandos, por ordem de tempo comigo e, por último, aos colegas.

O procedimento será o seguinte: apresento o texto (todo em itálico) recebido de cada um, com grifos feitos por mim, que serão retomados ao final.

*O período em que convivi contigo como professora e orientadora foi enriquecedor, embora já passados mais de dez anos, algumas das experiências vividas se mostram, ainda, bastante presentes. Pude perceber o quanto sentimentos e marcas de nossa trajetória por mais que estejam escondidos em nosso imaginário são determinantes na nossa formação, como profissionais e indivíduos.*

*As discussões do grupo (na época GEPIEC), sempre muito dinâmicas, traziam à luz da consciência uma complexa trama de diferentes bagagens, que se opõem e complementam em prol de um mesmo objetivo: compreender a si e ao outro, como sujeitos formadores de si e da cultura do grupo.*

*Tê-la como orientadora de pesquisa foi uma experiência de intenso aprendizado, me permitiu um grande crescimento e amadurecimento, auxiliando-me sempre com teus saberes e desafiando-me a exigir a cada vez de minha capacidade. Te vejo como uma grande mãe águia, que alimenta, protege e cuida de seus filhotes, mas que no momento certo, os empurra para fora do ninho em direção ao penhasco, para que, com responsabilidade e coragem descubram suas próprias asas e alcem voos com independência. Embora eu não tenha seguido a profissão de educadora, o que esta experiência agregou à minha vida é permanente e valioso.*

*Espero não ter me estendido e de alguma maneira ter contribuído contigo.*

Talita Oliveira

*Conheci a professora Lúcia Peres quando entrei no Mestrado em Educação, na UFPEL, em 2002. Procurava, naquele momento, um novo “tom” didático para as minhas aulas no Curso de Design do IFSUL/Pelotas e, por isso, estava querendo entender a criatividade tanto do ponto de vista do professor como do aluno. Mas, para a minha surpresa (e, depois, felicidade), me deparei através desta professora com os Estudos do Imaginário, que mudaram a minha vida em geral. Nesses anos em que fui seu orientando (Mestrado e Doutorado), reconheci na Lúcia uma grande amiga e companheira de estudos e divertimentos. Ela sempre soube levar com equilíbrio a alegria de estar junto e o rigor acadêmico, o que eu por demais admirei e procuro ter como exemplo na minha vida acadêmica. Quanto à professora-orientadora, considero-a uma profissional que sempre possibilitou que as diferentes experiências da história de cada um se expandissem em diálogos na busca de descobertas (de si, do outro e do mundo da pesquisa), num campo de tensões, expectativas, surpresas e trocas. Sempre atenta ao processo, Lúcia continuamente procurou incentivar a produção de conhecimentos sistematizados e criativos.*

Alex (Alexandre Vergínio Assunção)

#### SONETO PARA A LUZ

*Eu busco os esses e erres  
Para escrever sobre uma  
Mulher que entre todas reúna  
A luz de muitos ampères*

*Por certo que há aos milhares!  
E vou, procurando na bruma  
Vejo, revejo e nenhuma  
Acende a luz pelos ares*

*Na inconsequência da escrita  
Rodeado por pífiros olhares  
Sigo na sina bendita*

*E tu, por mais que te esmeres  
Não saberás o que crepita  
Naquela que é Lucia Peres*

Diko (Deonir Luis Kurek)

*Sempre preferi falar em vez de escrever... achava que a minha escrita não era tão boa... e que a minha capacidade de ser claro e objetivo se desse mais nas palavras soltas em direção ao outro do que nas palavras fincadas no papel, aguardando um leitor atento. Ou seja, preferia falar ao invés de escrever... De uns tempos para cá, venho notando certa mudança... desde que comecei a andar por esse caminho iniciático do doutoramento, algumas coisas mudaram e as minhas palavras começaram a mudar a preferência... hoje, querem primeiro o papel, e só depois, pedem para serem lançadas ao outro, como um pássaro em busca do melhor vento, do melhor momento... e eu que achei que esse fosse, apenas, um curso de doutorado... Desde a minha chegada em Satolep, desde o meu encontro com a Lúcia, algo novo começou a ser estampado no meu caminho... nessa cidade, com seu chão e suas paredes afetadas pelas memórias longínquas, voltei ao berço e comecei a crescer de novo... mal sabia eu, que naquele primeiro encontro, em uma bela tarde de fim de verão, um gole de chimarrão marcaria a feitura de um laço: de cumplicidade, de respeito e de amizade!*

*E por esse processo, devo agradecer a minha querida Lúcia Peres... brava mulher que soube, como poucas pessoas, salvar as minhas palavras do esquecimento... Ela foi intensa... seus ventos de fervura sacudiam meus ossos e desinchavam meu ego... a chuva terna do seu olhar úmido abrandava o temor e a insegurança de um sonhador do céu... Lúcia foi desordeira, sabem por quê? Porque a desordeira é a que deforma as imagens que carregamos nas certezas do dia... e nos medos da noite... vocês sabem bem, só é criador quem sabe deformar uma imagem... ninguém passa incólume pela Lúcia Peres... ninguém! Se não saímos transformados, é porque algo de estranho aconteceu no percurso... e podem crer, saímos prontos para sermos reconstruídos com o novo e também com tudo aquilo que sustenta a nossa história, com uma importante diferença, posso dizer por mim: agora sou capaz de acolher aquilo que ignorei, aquilo que joguei fora ou aquilo que me fizeram abandonar na lata do lixo... para mim, o doutoramento foi (é) fruto de um aprendizado e de um percurso interior e autoformativo, amparado pelas mãos da artífice Lúcia Peres.*

*Ela foi uma escavadora dos sonhos e das faces que estavam timidamente encolhidas no fundo da minha psique. Trouxe novamente os céus para perto de mim! A essa deusa mãe, obrigado pelo acolhimento em sua vida e família (Sr. Nei e Samara); por me mostrar a importância de ser transparente nos pensamentos e nas ações e por ter acreditado nesta pesquisa como quem acredita na felicidade de um Filho!  
Sempre estarei em estado de gratidão...*

José Aparecido Celório

*Conheço a Colega Lúcia Maria Vaz Peres, professora da Faculdade de Educação da UFPel, onde atuo há pelo menos 35 anos. Que dizer dela, neste momento que se apresenta ao mundo acadêmico para a carreira de Professora Titular? Talvez, e simplesmente: generosa pessoa, competente profissional, **intensa em tudo o que faz e extremamente transparente**. Por isso, ousou afirmar, **produtora de novidades e socialmente compromissada**.*

Gomercindo Ghiggi

*Meu encontro com a Lúcia teve como pano de fundo o trabalho na Educação. Pertencendo à equipe da Saúde Escolar, em meados dos anos 1980, juntei-me ao pessoal da Secretaria Municipal de Educação para desenvolver atividades que visavam combater os altos índices de reprovação nos anos iniciais do Ensino Fundamental e a segregação, em classes especiais, das crianças que apresentavam problemas na aprendizagem, em nossa cidade. **Nela encontrei uma guerreira, uma estudiosa, uma apaixonada pela luta contra o não-aprender**. Nela encontrei **uma amiga e logo iniciamos um compartilhamento de ideias e afetos, iniciamos uma caminhada de mãos dadas** – caminhada essa que não se abalou com o concurso para ingresso na carreira docente da FaE/UFPel. Estudamos juntas para tal concurso, apesar da disputa envolvida, e fomos ambas aprovadas e contratadas. De lá para cá, temos tido uma convivência rica, pois **estar com minha amiga implica viver, sentir, pensar, perceber, enfrentar, aprender, vibrar, analisar-se, tudo intensamente... Tudo bonito, mas não sem conflito** – que o conflito é inerente às pessoas que são verdadeiras! E a Lúcia docente também é assim: os estudantes que com ela trabalham têm a oportunidade de desenvolver suas potencialidades pessoais e profissionais, por meio das reflexões e experiências autoformadoras que ela lhes proporciona. É assim que, atualmente, a Lúcia contribui para qualidade da nossa educação: **investindo, sempre de forma apaixonada, na formação de novos professores**.*

Magda Floriana Damiani

*Acompanhei, praticamente, toda a trajetória da Lucia na FaE. Agora, aposentada, continuo perto de outro modo, pois a Lucia tornou-se uma grande amiga. Entre as características que marcam essa trajetória, seja do ponto de vista teórico, das relações pessoais e profissionais estão **a coerência, o comprometimento e a solidariedade**. Esta história, profissional (e pessoal) está marcada pela **paixão, logo, pela capacidade de lutar, seja pela defesa de referenciais teóricos então novos na academia, seja pelo sonho de uma sociedade mais justa**. Nessa carreira, tem assumido diferentes lugares que revelam uma capacidade de enfrentar os problemas e as situações de frente e sem rodeios.*

Maria Antonieta Dall'igna

*[...] não há dois professores iguais e [...] a identidade que cada um de nós constrói como educador baseia-se num equilíbrio único entre as características pessoais e os percursos profissionais. (NÓVOA, 1997, p.33). Aproveitando as palavras do mestre, escrevo que teu equilíbrio único é feito de compromisso e determinação. O*

*compromisso com o que acredita, te mobiliza e determina. Deste modo, foste propondo, assentando, persistindo e resistindo. És amorosamente intensa.*

Ligia Cardoso Carlos

*Lúcia Peres, amiga e parceira nos territórios do imaginário. Nossa aproximação teve um lugar e uma pessoa em comum: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora /orientadora Marisa Faermann Eizirik. Anos 90. De lá para cá, **construímos uma trajetória de intensa produção, inspirando e afetando uma a outra através das nossas lideranças de grupos.** O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), que coordeno desde 1993, e que, posteriormente, Lúcia assume a vice-liderança e, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM) onde também estive nesse lugar de vice-líder e que continuo participando como parceira e pesquisadora. Mas é da Lúcia noturna, poética que gostaria de falar mais no momento da escrita e apresentação do seu memorial. **Da Lúcia, que ao primeiro texto que escrevi com ela a quatro mãos, já sai atravessada e um pouco menos diurna, como dizia nosso grande Bachelard em tempos de demarcação científica. Aprendi a ser mais noturna com Lúcia, assim como continuamos aprendendo uma com a outra na tarefa árdua e intensa de orientar dissertações e teses. O que desejo registrar nesse momento da reconstrução do seu trajeto pessoal é a intensidade dos afetos que produzimos na nossa relação, algo pouco cultivado em espaços acadêmicos muito competitivos – o sentido da palavra amizade – a amiga que atravessa, a amiga que interfere, a amiga que desconstrói, mas, acima de tudo, a amiga que acolhe, que cuida, que cultiva.***

Valeska de Oliveira

Minha escrita, a partir da escrita deles em mim é por demais... (sem palavras... suspiros...). Tentarei fazer o exercício metodológico a que me propus, a partir dos meus grifos, no sentido de depurar as convergências sobre como penso que estou sendo, a partir de suas percepções.

Percebo a importância do grupo de pesquisa no acolhimento dos estudantes que chegam para estudar Imaginário, como diz Talita: “*As discussões do grupo (sempre muito dinâmicas, traziam à luz da consciência uma complexa trama de diferentes bagagens...*”. E como Alex: “*com os Estudos do Imaginário, que mudaram a minha vida em geral*”. Penso que o grupo me ajudou a alavancar outras interlocuções para o campo da educação, o que me dá a certeza de que foi um grande investimento na minha carreira, mesmo que a criação deste tenha sido intimada pelo CNPq. Vejo que Alex, além de ter sido um grande parceiro nos estudos, foi um discípulo que se lançou independente de mim, apesar de me ter como referência, para outros objetos de estudo, mas sempre iluminado pelo imaginário. Também ressalto a importância do grupo no trabalho de reconstrução e ressuscitamento de ideias dormitantes, a exemplo do José A. Celório, que narra sobre o fato de eu ser uma “*escavadora dos sonhos e das faces que*

*estavam timidamente encolhidas no fundo da minha psique*”. De certo modo, esta é uma metodologia que tento empreender no grupo: **acordar ideias adormecidas e plantar novas ideias!** Mas essa mágica só é possível porque somos um grupo que junto sonha, operando conceitos de mãos dadas com o rigor e o vigor. E, também, porque, como líder dele, sempre defendi o que salienta Alex: *“possibilitar que as diferentes experiências da história de cada um se expandissem em diálogos na busca de descobertas (de si, do outro e do mundo da pesquisa), num campo de tensões, expectativas, surpresas e trocas”*.

Mas, o mais belo desse trabalho em grupo são as parcerias e as crias... Celebro com Valeska quando ela diz que o que está valendo em nossa parceria, muito mais do que a produção, que também é legal e necessária, *“é a intensidade dos afetos que produzimos na nossa relação, algo pouco cultivado em espaços acadêmicos muito competitivos”*.

Na continuidade pela percepção dos meus colegas, fica clara a intensidade no que faço, talvez muitas vezes errante, noutras “acertantes”. Nem todos suportam esse meu jeito. Isso me salta aos olhos e ao coração quando leio em Talita que para ela fui *“uma grande mãe águia, que alimenta, protege e cuida de seus filhotes, mas que no momento certo, os empurra para fora do ninho em direção ao penhasco”*. Poderia ter sido um investimento errante, mas, no geral, parece que venho acertando. Gomercindo, Magda, Antonieta e Valeska reafirmam isso ao dizerem que: *“intensa em tudo o que faz e extremamente transparente. Por isso, ousou afirmar, produtora de novidades e socialmente compromissada”*. *“Estar com minha amiga implica viver, sentir, pensar, perceber, enfrentar, aprender, vibrar, analisar-se, tudo intensamente... Tudo bonito, mas não sem conflito”*. *“A coerência, o comprometimento e a solidariedade. [...] paixão, logo, pela capacidade de lutar seja pela defesa de referenciais teóricos então novos na academia, seja pelo sonho de uma sociedade mais justa”*. *“A amiga que atravessa, a amiga que interfere, a amiga que desconstrói, mas, acima de tudo, a amiga que acolhe, que cuida, que cultiva”*. E, por fim, receber as palavras da minha vice-diretora reforçando que meu *“equilíbrio único é feito de compromisso e determinação [...] persistindo e resistindo”*, repercute em mim a certeza de que minha parceria com esta colega, que tornou-se amiga, fez da nossa gestão à frente da FaE uma tarefa, difícil, mas extremamente desafiadora, ao mesmo tempo que formadora. E a intensidade continua... *“És amorosamente intensa”*.

Ou seja, o que meus colegas dizem denota que sou feita da alternância das matérias diurnas e noturnas, errantes e “acertantes”, mas sempre intensas com tom de cuidadora, amiga (quase sempre me torno amiga dos meus orientandos – de qualquer nível) e apaixonada pelo que faço.

Parte disso encontro nas palavras de Alex: *“Reconheci na Lúcia uma grande amiga e companheira de estudos e divertimentos. Ela sempre soube levar com equilíbrio a alegria de estar junto e o rigor acadêmico”*. Além desse adjetivo, José Celório me brinda com *“desordeira... deforma as imagens que carregamos nas certezas do dia. Escavadora dos sonhos e das faces que estavam timidamente encolhidas no fundo da minha psique [...]; por me mostrar a importância de ser transparente nos pensamentos e nas ações e por ter acreditado nesta pesquisa como quem acredita na felicidade de um Filho!”*.

Penso que eu seja um pouco de todas essas escritas, deles e delas em mim. Assim como quando Magda a mim se refere como uma *“uma guerreira, uma estudiosa, uma apaixonada pela luta contra o não-aprender”* (naquele momento). Sim, eu me sinto uma guerreira na vida e no trabalho, pois de algum modo meu mandato arquetípico (como uma expressão do coletivo em mim), tem ativado esse comportamento em mim. Antonieta reforça isso ao visibilizar minha *“capacidade de lutar seja pela defesa de referenciais teóricos então novos na academia, seja pelo sonho de uma sociedade mais justa”*.

Permito-me dizer que um aspecto fundamental, na minha trajetória, se refere ao fato de em meio ao trabalho poder cultivar a minha maior riqueza e excelência que a vida me brindou: *“o sentido da palavra amizade”*. Sou grata por isso!

## **2. Palavras inconclusivas**

Ao iniciar este memorial, coloquei três epígrafes como forma de sinalizar o percurso do meu projeto de busca e obra (JOSSO, 2004). De certo modo, essa sinalização apresenta uma pessoa e uma profissional intensa, sonhadora e, sobretudo, com coragem de viver aquilo que a vida foi lhe apresentando e também foi buscando.

Ao chegar nesta última parte, para mim sempre inconclusiva, fico a me perguntar o que mais dizer? Vou tentar...

Para mim, todo projeto de busca e obra está assentado na felicidade, a qual está subordinada àquilo que Rubem Alves (2005) denomina de *Educação dos Sentidos*, onde necessitamos equilibrar o que chamava de caixa de brinquedos com a utilização de boas ferramentas. O autor dizia que o corpo carrega duas caixas - uma caixa de ferramentas, na mão direita, e uma caixa de brinquedos, na mão esquerda. Ou seja, fazendo uma paráfrase dessa metáfora do autor, a vida, a meu ver, é polarizada entre ferramentas e brinquedos. Ferramentas são usadas diariamente, como, por exemplo: o computador, uma chave, um liquidificador, um carro, um celular. Enfim, está na ordem do regime diurno das imagens durandianas e tem caráter heroico, porque ali está para realizar coisas e para aumentar o poder do corpo. Enquanto a caixa de brinquedos está para a fruição ligada ao amor e ao regime noturno das imagens. Refere-se a coisas que não são utilizadas como ferramentas, mas que nos embalam e nos ajudam a sonhar, sendo também gozadas.

A esta altura da escrita deste texto, fica claro que as matérias que me compuseram até o momento estão, prioritariamente, na caixa de brinquedos, abertas pela mesma chave da caixa de ferramentas. Elas não são antagônicas, apenas são diferentes. Isso porque uma alimenta a outra e ambas são meios para viver e sobreviver. Uma vida alimentada somente por uma delas estaria em desequilíbrio. As ferramentas podem não nos dar razões para viver, mas podem ser as chaves para a caixa dos brinquedos. E esta, por sua vez, pode dar novos sentidos àquelas. Assim como a poesia é a fonte que nos faz florescer e alavancar momentos de felicidade em meio à dureza das utilidades.

Meu trabalho, em especial junto ao grupo de pesquisa e na interlocução com meus orientandos, tem sido uma espécie de “ter e dar abrigo” para os meus/nossos pensamentos arriscados. Ao mesmo tempo, qualificar um campo de estudos que defende o vigor aliado ao rigor (como as duas caixas de Rubem Alves). Ou seja, os estudos sobre o imaginário são uma espécie de caminho que busca, nas pegadas do tempo, as trilhas dos muitos outros que nos antecederam e que, de algum modo, se refletem em nós mesmos. Desbravamentos nas trilhas das florestas de nossos pensamentos adormecidos; mergulhos no mar de nossos sonhos. Como crianças, brincamos (seriamente) com a vontade de descobrir novos olhares para velhos fenômenos. E nesse andar, vamos nos reconhecendo naquilo que sempre seremos: homens e mulheres da criação (re)criada em partilha.

O que está em “jogo” é o que denominamos de “imaginário científico” (PERES, 2005), pois nossos estudos buscam alguma unidade entre a visão poética e a visão

científica do mundo, indagando as modificações e os recônditos dos fenômenos. Apresso-me em precisar, tanto por prudência quanto por modéstia, que por imaginário científico entendemos uma ciência viva de dimensões e procedimentos advindos da experiência humana, operações que processam descobertas, que informam ao espírito do profano uma visão da sacralidade interior.

Minhas palavras quase finais são... O valor dessas interações que fazem de mim, parafraseando Florbela Espanca, às vezes grave e metódica, mas sempre com intenção de ser/estar atenta a todas as sutilezas de um raciocínio claro e lúcido, fez com que eu fosse me tornando, mesmo sem saber, uma espécie de Dom Quixote fêmea a combater moinhos de vento.

E, ainda, peço emprestado para Bachelard (1998, p.29) para dizer-lhes que

Localizar uma lembrança no tempo não passa de uma preocupação de biógrafo e corresponde praticamente apenas a uma espécie de história externa, uma história para uso externo, para ser contada aos outros. Mais profunda que a biografia, a hermenêutica deve determinar os centros de destino, desembaraçando a história de seu tecido temporal conjuntivo que atua sobre o nosso destino. Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade.

O que eu fiz ou tentei fazer ao longo destas páginas foi localizar algumas lembranças neste trajeto que tem me constituído como profissional da educação e, também, mostrar-lhes o tecido temporal dos espaços da minha intimidade objetivada.

## Referências

ALVES, Rubem. **Educação dos Sentidos**. São Paulo: Campinas: Verus Editora, 2015.

ARAÚJO, Alberto Filipe e WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Educação e Imaginário: Introdução a uma Filosofia do Imaginário Educacional**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

ARAÚJO, Alberto Filipe e BAPTISTA, Fernando Paulo. **Variações sobre o Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRRN, São Paulo: PAULUS, 2008.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Processo Autobiográfico do Conhecimento da Identidade Evolutiva Singular-Plural e o Conhecimento da Epistemologia Existencial*. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (Orgs.). **A Nova Aventura (Auto)Biográfica**. Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, no prelo.

PERES, Lúcia Maria Vaz. **Significando o “não - aprender”**. Pelotas EDUCAT, 1996.

\_\_\_\_\_. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. 159f. tese (Doutorado) – FAGED/UFRGS, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. **O imaginário científico sob a invocação de Gaston Bachelard: um trânsito entre duas vertentes epistemológicas**. Cuiabá: Ed. EDUNIC, 2005.

Letra da Música REGINA, Elis. **Como nossos pais**. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/elis-regina/como-nossos-pais.html#ixzz45AZF4iPD> (acessado em 07/04/2016)

Letra da Música de VELOSO, Caetano. **Vaca profana**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/vaca-profana.html> (acessado em 07/04/2016)